IHU On-Line
Ano 3 - Nº 58 – 5 de maio de 2003

A Família em Desordem

Editorial

*Uma editoria semanal do **IHU On-Line** intitula-se o 'Livro da Semana', onde apresentamos, resenhamos e/ou debatemos um livro da atualidade. O livro desta semana é o inspirador do tema de capa deste boletim.*

*Elisabeth Roudinesco, historiadora francesa, que atua na École pratique des hautes études (IVe. section), em Paris, é autora, entre outros livros, do conhecido e polêmico livro intitulado **Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée**, Paris: Fayard, 1993. E. Roudinesco publicou em setembro do ano passado o livro **La famille en désordre**. O livro já foi traduzido em várias línguas e acaba de ser publicado no Brasil. Duas resenhas do livro, uma entrevista com a profa. Dra. Valburga S. Streck, que leu e estudou o livro a nosso pedido, a quem agradecemos, ajudam a levantar questões e a debater a instituição família, hoje. Tema que recebe um aporte*

provocador com a entrevista concedida ao nosso boletim por Paulo Jorge Vieira, português, representante do movimento GLBT no III Fórum Social Mundial.
*O artigo de José Luís Fiori, como o artigo da semana passada do mesmo economista, ajuda a entender melhor o momento político atual. Será o programa do governo Lula o pós-Consenso de Washington como propugna o diretor do Bird para o Brasil? Estamos a caminho de uma crise cambial, como alerta o presidente do IEDI? O Banco Central deve ou não intervir na política cambial? Estas são algumas das questões que estão retratadas nas 'frases da semana' juntamente com as da explosiva entrevista do prof. Zander Navarro concedida a'**O Estado de São Paulo** sobre o MST.*
Assim, esperamos que este número possa contribuir, além da discussão de temas polêmicos, também no debate da conjuntura nacional. Debate da conjuntura nacional que é aprofundado com a realização da 2ª etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil. A entrevista da Drª. Eliane Cristina Deckmann Fleck ao refletir sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, tema desta etapa, é instigadora no sentido de trazer importantes elementos que ajudam a entender melhor o momento nacional que vivemos.
A todos e todas uma boa leitura e uma ótima semana!

A FAMÍLIA EM DESORDEM

*A matéria de capa desta semana é o livro da semana: Elisabeth Roudinesco, **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,2003, 200 páginas. O livro foi publicado originalmente em francês: **La famille en désordre**, Paris: Fayard, 2002. O livro foi traduzido também para o espanhol: **La familia en desorden,** Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2003.*
*Elizabeth Roudinesco, Doutora em Letras, nasceu em 1944, na França. Depois de ter recebido uma formação psicanalítica e literária dedicou-se à teoria freudiana. Abandonou o partido comunista em 1979 e foi membro da escola Freudiana de Paris de 1969 a 1980. Atualmente é psicanalista, historiadora e escritora. Entre suas obras publicadas em português, citamos **História da Psicanálise na França**. Editora Jorge Zahar, 1989, 496 páginas. **Dicionário de psicanálise**, Editora Jorge Zahar, 1998, 892 páginas, e **Por que a psicanálise?**, Editora Jorge Zahar, 2000, 164 páginas.*

Publicamos a seguir duas resenhas do livro, de Carla Rodrigues e Nora Domínguez , respectivamente, e uma entrevista sobre o livro feita com a Profa. Dra. Valburga Schmiedt Streck, professora do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos e ativa participante da área de concentração do IHU: Ética, Cultura e Cidadania.

A FAMÍLIA EM REDE

*Reproduzimos a resenha de Carla Rodrigues, veiculada no site **http://www.nominimo.com** , em 31 de março de 2003.*

> "Desde dezembro de 1995 está em vigor, na França, o Pacto da Solidariedade, lei que permite aos casais, homossexuais ou não, legalizarem sua união por um contrato específico, sem, no entanto, o direito à adoção de crianças ou à procriação medicamente assistida. A novidade foi uma das inspirações para que a psicanalista francesa Elizabeth Roudinesco escrevesse *A família em desordem*, lançado na França em 2002, e que foi trazido para o Brasil pela Jorge Zahar Editora *(200 páginas, R$ 26,00)*. "O que aconteceu nos últimos 30 anos na sociedade

ocidental para que sujeitos qualificados alternadamente de sodomitas, invertidos, perversos ou doentes mentais tenham desejado não apenas ser reconhecidos como cidadãos integrais, mas adotar a ordem familiar que tanto contribuiu para o seu infortúnio?", pergunta Roudinesco.

Ainda que para os homossexuais brasileiros a união civil seja apenas uma bandeira, as questões que Roudinesco levanta estão em pauta no Brasil pelo menos há 10 anos. Em 1993, convidada pela Editora Abril a escrever sobre o futuro da família, a historiadora Michelle Perrot, num artigo intitulado "O nó e o ninho", fez a seguinte previsão: "Não é a família em si que nossos contemporâneos recusam, mas o modelo excessivamente rígido e normativo que assumiu no século 19. A casa é, cada vez mais, o centro da existência. O lar oferece, num mundo duro, abrigo, uma proteção, um pouco de calor humano. O que eles desejam é conciliar as vantagens da solidariedade familiar com as da liberdade individual".

Naquele momento, 10 anos atrás, as expectativas de Perrot ainda pareciam exageradas – pelo menos no caso brasileiro, país que assistiu a redução do número de casamentos ao longo de toda a década de 90. Aos poucos, foram surgindo, aqui, os sintomas que Perrot identificava em 1993 e que, em 2000, seriam levantados também pela psicanalista Maria Rita Kehl([1]) no artigo "Qual o futuro da família?". O modelo patriarcal assiste ao seu declínio, cresce o percentual de famílias chefiadas por mulheres, de casais que optam pela união consensual, o que levava Kehl a pregar que não se tivesse nenhuma nostalgia em relação ao modelo familiar que entrara em extinção e a perguntar: "o que estamos lamentando ter perdido?"

Tantos autores, inclusive a própria Roudinesco, são otimistas em relação a isso que ela chama de "família pós-moderna". "A família chega ao final do século 20 livre do patriarcado, desvinculada do casamento, horizontal, fraterna, com homens e mulheres livres para escolherem que papéis exercer, um refúgio seguro contra as angústias", diz. Por tudo isso, é de se lamentar a escolha do termo "desordem", também presente no título original. A palavra "desordem" sugere uma conotação negativa para as transformações pelas quais passou o modelo familiar. No entanto, o fim do patriarcado, a valorização do papel feminino, a liberdade aos homossexuais, a horizontalidade nas relações, enfim, tudo que caracteriza a "desordem" é exatamente o sintoma positivo de transformação da família.

Ao longo do texto, Roudinesco utiliza pelo menos duas vezes uma expressão que define de maneira mais neutra, e, portanto, melhor, essa família pós-moderna: "A família contemporânea, horizontal e 'em redes', vem comportando-se bem e garantindo corretamente a reprodução das gerações." E novamente: "A família se assemelha a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado."

A idéia de famílias "em rede", além de servir muito bem para explicar essa nova composição familiar que a autora descreve, ainda permite conexões imediatas com *A sociedade em rede*, de Manuel Castells. A analogia com o pensamento do sociólogo espanhol é pertinente: a família, sob impacto das novas tecnologias reprodutivas, e sob influência das liberdades (feminina, homossexual), tem tantas configurações quanto cada um dos seus integrantes desejar. Resumindo em pouquíssimas linhas, é o que Castells diz da sociedade pós-industrial, transformada pelas novas relações de trabalho e pelo impacto das novas tecnologias.

---

[1] .- Esta autora estará conosco na Unisinos nos próximos dias. Conferir neste número, página 9.

Não por acaso, "A família em desordem" dá grande ênfase às tecnologias reprodutivas. No capítulo "O poder das mães", ela conta que a idéia de conservar o sêmen masculino remonta a 1866, quando Paolo Mantegazza criou o primeiro banco de esperma, que tinha, então, uso veterinário. Já naquela época, diz a autora, pensava-se que um dia seria possível conservar o sêmen dos soldados que partiam para a guerra. Em 1957, uma mulher americana recorreu a inseminação artificial *post mortem* graças ao esperma congelado do seu marido. Aos poucos, todas as combinações se tornaram possíveis – fabricação de embriões, fertilização *in vitro* – e a partir de 1985 a prática da procriação assistida se dissemina ainda mais. "A ordem procriadora ficou então inteiramente reservada ao poder das mães, detentoras atualmente da responsabilidade exorbitante ora de designar o pai, ora de o excluir", diz ela.

Essa multiplicidade de possibilidades é um dos fatores que levam à revalorização da família e ao fato de o modelo familiar passar a ser reivindicado pelos homossexuais. Essa nova família é, segundo pesquisas citadas por Roudinesco, o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. É amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, todas as orientações sexuais e de todas as condições. A família, esta velha instituição, está, ao mesmo tempo, em imensas transformações e em franco processo de valorização. O grande desafio é enxergar as qualidades do caos e as vantagens da desordem".

HÁ FAMÍLIA PARA TODOS?

Nora Domínguez, crítica literária e pesquisadora do Instituto Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade de Buenos Aires, resenhou o livro, quando da sua tradução espanhola. A resenha, que reproduzimos, foi publicada no jornal ***Clarín****, no dia 19 de abril de 2003. A tradução é dos nossos colegas do* ***Cepat Informa****, de Curitiba.*

"A família nuclear, com elenco estreado na Modernidade, expandiu-se perseguida pelo fantasma da crise, uma imagem sísmica que a ameaçou desde o seu começo. Rodeada por representações inflexíveis, a mesma rigidez que pendia sobre seus protagonistas lhes oferecia a plataforma onde situar sua possível rebelião. Ignorando qual de suas figuras podia dar-lhe um açoite direto ou o golpe traidor, desconhecia também a índole de suas acusações. No entanto, a família, em todos os casos e em todos os tempos, aprendeu a mover-se num jogo de múltiplas forças. Elisabeth Roudinesco, psicanalista, doutora em letras, historiadora, escritora de uma importante biografia sobre Lacan e uma história da psicanálise francesa, em ***La familia en desorden*** se concentra em dar conta do entrecruzamento de saberes que participam na definição desse objeto de interesse renovado. Os dotes de Roudinesco para fazer da história da família um relato sumamente ameno são evidentes. Maneja com rigor os benefícios da alta divulgação sem renunciar às precisões conceituais, os dados filológicos ou os pontos de emergência das categorias. Seu pensamento, que se desloca de maneira mais cômoda e segura pelos corrimões da psicanálise, revela-se em seu impulso mimético; sabe que para falar da família, são necessários um ou vários relatos e diferentes cenas. O livro escolhe essa opção narrativa; os capítulos se sucedem desde a centralidade e queda da figura paterna à do filho culpado ou do pai mutilado passando pela irrupção do princípio feminino e do poder das mães.

Antropologia, psicanálise e sociologia

Roudinesco traça períodos de longa duração onde operam as três disciplinas fundamentais que pensam as leis e os funcionamentos familiares: antropologia, psicanálise e sociologia. Cada uma refletiu sobre suas transições com conceitos próprios e todas coincidiram na construção de

uma nova definição da ordem simbólica para enfrentar a declinação do poder paterno sem destruir a estrutura que permitia mantê-lo numa forma cada vez mais abstrata. Não é o mesmo aludir à família por meio de suas leis de formação, do peso das interdições, da sua construção simbólica ou das suas relações com o Estado. Em cada plano, há um agir diferente e um paradoxo pronto para mostrar as contradições que a habitam. Condição e ao mesmo tempo negação da sociedade, disse sobre ela Levi-Strauss e também a caracterizou como o espaço de uma autonomia mal-simulada em relação ao Estado.

A Roudinesco não interessam tanto essas questões, não busca equivalências entre essa mínima sociedade e a versão ampliada da que supostamente é tradução e reflexo. Prefere avançar sobre as idéias de Foucault de ***A vontade de saber*** e assinalar que repressão e exibição da sexualidade vão juntas e não são excluidoras ou assinalar que Freud construiu uma sexualidade admitida sobre uma socialmente reprimida, mas ao preço de torná-la cada vez mais culpada. Sagaz e rigorosa leitora das formulações freudianas, das condições históricas de sua emergência, Roudinesco explora a paixão de Freud pela figura de Édipo e o significado do dispositivo teórico baseado na revolta dos filhos culpados (Édipo, Hamlet e os irmãos Karamazov). A elaboração do complexo, colocado pela crítica como pano de fundo da leitura de Nietzsche sobre a tragédia grega, sobrecarrega-se das contradições de sua época e se torna sintoma e remédio do mal-estar da sociedade burguesa do final do século XIX. A invenção esteve na origem de uma nova concepção da família ocidental que tomou à luz dos grandes mitos não apenas o declínio da autoridade paterna, mas o princípio da emancipação da subjetividade.

A crise da família e as novas tecnologias

Se a crise da família se traduziu ao longo dos séculos XIX e XX em esporádicos decretos de morte, em freqüentes sirenes que anunciavam sua dissolução ou em formulações libertárias nas que o feminismo comprometeu sua ação e sua palavra, a verdadeira mutação histórica parece ter-se dado aproximadamente nos anos 1960 quando a diferença sexual já não se apresenta como a condição inevitável da procriação. Levi-Strauss sustentava também que para formar uma nova família eram necessários um homem e uma mulher provenientes de duas famílias diferentes. Suas considerações sobre o parentesco hoje parecem transtornadas pelas mudanças tecnológicas sucedidas desde o aparecimento da pílula na metade do século XX. Roudinesco segue os diferentes passos dos programas de inseminação artificial que pacificaram o caminho para uma possível substituição das relações sexuais pelas intervenções médicas. Cada ponto do percurso lhe interessa em sua produtividade simbólica e não como registro minucioso de um êxito científico. Na origem dessas inovações que em geral aspiram a separar sexualidade de procriação e a regular e programar os nascimentos, a declinação paterna, objeto de grandes etapas de fragilização, já pertencia à ordem do dado. A sólida biógrafa de Lacan revela então que, quando em 1955 este elaborava a sua teoria do Nome do Pai, conheciam-se simultaneamente as primeiras análises que permitem provar a não paternidade. A ciência se impõe sobre a palavra e se produz uma separação entre os princípios da nominação e os da geração.

O regresso da família e à família

A história da família contém e combina relatos de golpes e de castigos, de desacomodações e de feridas mortais. Roudinesco anota com agudeza os diferentes arqueamentos teóricos, extrai suas contribuições e os valoriza em sua pertinência histórica. Assim, ela lê Freud, Lacan, Bachofen, Foucault, de Beauvoir, Deleuze, Judith Butler e outros; mas também executa suas próprias alfinetadas e incisões nos costados dogmáticos das teorias. A pergunta que dispara e ordena toda a sua argumentação é: por que, se a família foi rechaçada, impugnada, declarada

funesta para a expansão do desejo e da liberdade sexual, ela é vista hoje em dia como um espaço a ser conquistado? Por que aqueles que, por situar-se fora da sua ordem procriativa padeceram os rancores da exclusão, atualmente reclamam seu ingresso? Pela primeira vez, assinala Roudinesco, homens e mulheres homossexuais pretendem prescindir do coito vaginal para fundar uma família. Em conseqüência, esta aparece hoje atada uma vez mais a um duplo movimento de transgressão e normalização. O reconhecimento legal das uniões homossexuais e a aceitação social de seu desejo de parentalidade se mostram como uma prática radicalmente nova, tanto pelos modos de como se concebe um nenê como pelas formas de transmissão das origens familiares. O ponto de chegada do itinerário jurídico, seguramente parcial e insuficiente, constitui, contudo, uma fissura brutal na ordem simbólica que "desde há dois mil anos se sustenta no *logos* separador e na diferença sexual".

FAMÍLIA: ÚNICA INSTÂNCIA COM QUE POSSO CONTAR!

ENTREVISTA COM VALBURGA S. STRECK

IHU On-Line *conversou a respeito do livro* A família em desordem *com a Profª. Drª. Valburga Schmiedt Streck, professora do PPG em Ciências Sociais Aplicadas, no Centro de Ciências Humanas, coordenadora do Curso de Especialização em Juventude e articuladora do Grupo Temático Juventude do IHU.*

IHU On-Line- Qual a sua impressão geral de **A família em desordem**?
Valburga S. Streck- Gostei do livro. Ele faz uma leitura da realidade, partindo do contexto da autora, a França, fazendo uma análise antropológica, sociológica e, principalmente psicanalítica. A família da qual Roudinesco fala deixa de ser patriarcal e autoritária. Claro que a perspectiva da autora mas estas mudanças também se encontram em todos os continentes no nosso mundo globalizado. Isso lembra o texto de Manuel Castells sobre "O fim da família patriarcal" onde ele aponta quatro fatores que a partir dos anos 60 contribuíram para as mudanças na família atual: a economia globalizada, os meios de comunicação social, os movimentos sociais (de mulheres, gays, etc.) e os avanços na biotecnologia (pílula anticoncepcional, fertilização in vitro, clonagem). Na América Latina, além disso, podemos ainda mencionar a urbanização e a industrialização. Roudinesco se detém em alguns destes aspectos como por exemplo a questão da biotecnologia que significa que a mulher não precisa mais do homem para procriar. Isso põe em cheque o poder do homem sobre a mulher e isso coloca uma questão para os homens muito séria. É importante lembra que a palavra família vem do latim – famulus – e significa todos os que estão sob o pátrio poder. Veja por exemplo que a antiga legislação familiar romana serviu de base para o nosso código brasileiro e até janeiro de 2003, data em que nosso código mudou, a morte da mulher adúltera pelo marido era considerado como uma forma de preservar a sua honra. A concepção de família onde o homem é o chefe deixa de existir e cada vez mais o poder é repartido. Nestes últimos trinta anos passamos por várias fases de questionamento sobre os valores da família. Tivemos gente prevendo o fim da família ao passo que outros pregavam a volta da família patriarcal com valores bem conservadores. No entanto, Roudinesco aponta que o que se vê hoje são pessoas, entre eles homossexuais querendo formar famílias sem o padrão patriarcal. Pesquisas sobre confiança indicam as pessoas apontando a família como a instância mais confiável. Isso resulta devido a crise das instituições(Estado/nação Igreja, escola). A família apesar de estar em crise ainda é "a única instância com a qual posso contar".

IHU On-Line- A realidade das famílias dos países mais pobres se diferencia muito da descrição feita pela autora?

Valburga S. Streck- No primeiro mundo, a família está muito mais protegida que no terceiro mundo. Os homossexuais têm conseguido mais direitos e as políticas sociais para a família são bem desenvolvidas. A França, por exemplo, possui ótimas leis que têm levado ao aumento do número de filhos por família ultimamente. Os países ecandinavos talvez são os que tem as melhores políticas familiares. A licença maternidade paga, por exemplo, se estende para 9 meses. Destes a mãe ou o pai podem usufruir. A mãe pode ficar com a criança por 5 meses e o pai por mais quatro meses, etc. Na Alemanha, as mães, após o nascimento dos filhos, podem ficar três anos fora e depois voltar para seu emprego. Há nestes países secretarias da família porque eles entendem que é importante este apoio porque é um investimento no futuro do país. Dando uma mergulhada no terceiro mundo, as políticas sociais em relação à família estão muito longe do necessário. Cada vez mais, as famílias são chefiadas por mulheres e elas têm pouquíssima proteção. Há o que se chama a "feminização da pobreza". Na África, as famílias estão dizimadas pela AIDS e sempre mais chefiadas pelas mulheres. Na Ásia, a prostituição de mulheres, tráfico, mutilação e circuncisão de mulheres são realidades muito fortes. Na América Latina, as famílias também são guiadas cada vez mais por mulheres. Há duas semanas atrás participei de um seminário internacional em Genebra sobre "Sexualidade humana e mudanças culturais" discutimos os efeitos da globalização e as mudanças no contexto das famílias. As mulheres do terceiro mundo trouxeram a preocupação das hordas de homens que estão desempregados, vivem sós e abusam do álcool e drogas. Isso também é visível no Brasil onde passamos de um país de crianças e jovens para um país de jovens e adultos que não têm condições de saúde, educação, emprego. É só lembrar o problema no Rio de Janeiro são meninos que matam, roubam e se envolvem em narcotráfico. Lembro que a violência tem gênero. O filme A cidade de Deus retratou isso bem.

IHU On-Line- Quais seriam os ganhos e as perdas da família em rede?
Valburga S. Streck- Na família em rede, não é necessária a base de um homem e uma mulher, pode ser um grupo, uma rede de parentesco. Nós hoje temos na periferia, por exemplo, muitas famílias assim: mães com seus filhos e netos. Às vezes é um grupo de pessoas muito amplo. Na família popular uma nova geração começa a cada treze, catorze anos. Agora nestas famílias populares o discurso aparente é libertação da mulher mas ao olharmos mais de perto a estrutura é patriarcal. Isso também fica bem claro nas narrativas deles. Isso também acontece por exemplo na África. Lá os homens querem discutir a volta da poligamia (isso era uma tradição em vários lugares deste continente).

IHU On-Line- A família nos EUA é como a européia?
Valburga S. Streck- Sim há várias semelhanças mas também há um movimento fundamentalista que parece estar ganhando muita força. Este tem o apoio do governo Bush. Veja por exemplo uma matéria publicada pela revista Newsweek em 9/12/2002 onde fala da política Bush sobre uma nova ordem moral apontando por exemplo à volta da virgindade, ao fim da legalização de abortos, ao dano dos divórcios, etc.. Há projetos tanto de pesquisa e como sociais financiados pelo governo que apontam para uma volta de uma família nuclear "tradicional" e bem conservadora. Os fundamentalistas muçulmanos se sentiriam em casa com esta política. Uma dessas pesquisas mostra como casais em crise que não se separam e buscam alternativas para a crise, são tão felizes como os que se separam. Então a saída é não se separar.

IHU On-Line- O que está por trás de uma tal política?
Valburga S. Streck- Acho que há várias razões. Uma vez um interesse econômico que mostra que se a família permanece unida, o estado não tem que se ocupar da proteção das mulheres e

crianças, é um investimento a menos. Por outro lado, o casal traz um aporte maior ao estado em imposto de renda. Mas também é claro que é um movimento para uma volta de uma economia baseada no poder masculino. Veja quem faz as guerras? São os homens. Numa economia onde as mulheres terão força decisória, duvido que elas iriam desenvolver indústrias bélicas com todo este arsenal de armas modernas e assistir crianças e famílias morrendo de fome no mundo inteiro. Então o governo americano prega valores morais e quer levar isso para outros continentes. A matéria da **Newsweek** deixa isso claro.
Mas voltando a esta "família em desordem" da qual Roudinesco fala podemos dizer que é a distribuição de poder entre cônjuges e trazendo aos a possibilidade de crescer num lar onde há abertura para um diálogo. Isso foi uma grande conquista. Muita gente se assusta com essa "desordem" mas toda uma mudança muito rápida gera-se um desequilíbrio. O aspecto negativo é que o Estado/nação não está preparado para tal e isso traz conseqüências graves. O novo governo tem uma preocupação com as famílias e espero que através do Projeto Fome Zero possa ir ao encontro das famílias. No Brasil precisamos nos dar conta que é o potencial humano do país que está em jogo. E temos uma dívida enorme quando olhamos para a situação de calamidade que se encontram nossas famílias pobres.

IHU On-Line- Este tipo de abordagem abre mais o diálogo para assuntos como a homossexualidade?
Valburga S. Streck- A questão da homossexualidade não é um fenômeno novo. No livro **Same sex unions in Premodern Europe,** de John Bowell (Nova Iorque: Villard Books,1994), ficamos sabendo que na Europa pré-moderna as uniões de homossexuais faziam parte dos ritos das sociedade. Eles desaparecem quando a Igreja legaliza as uniões heterossexuais.

"NA EUROPA, JÁ NÃO SE SABE O QUE É A FAMÍLIA"

ENTREVISTA COM PAULO VIEIRA

Nascido na pequena Mealhada, uma vila distante 20 quilômetros de Coimbra, Portugal, com cerca de 4 mil habitantes, o geógrafo e jornalista Paulo Jorge Vieira, 29 anos, é um dos dirigentes da ONG portuguesa Não Te Prives. O Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais, que combate a discriminação contra homossexuais, foi criado em fevereiro do ano passado. Paulo Jorge Vieira, representando o movimento Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros – GLBT – participou da mesa redonda do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no Gigantinho, sobre Direitos e Diversidade. Da mesa participaram também Boaventura Souza Santos, Blanca Chancoso e Paul Hoffman. No último dia do III FSM, Paulo Vieira concedeu uma entrevista exclusiva ao ***IHU On-Line,*** *que publicamos a seguir.*

IHU On-Line- Qual é a sua leitura da grande presença do GLBT nas atividades do Fórum?
Paulo Vieira- Isto significa que é possível outro mundo. É possível as pessoas se juntarem e discutirem as suas diferenças a partir do objetivo de criar alternativas comuns para todos os movimentos sociais e toda a esquerda mundial. Levo a satisfação de que o tema que trabalho, os direitos sexuais e a luta contra a homofobia, tenha sido debatido de uma forma especial. Avançamos muito em relação ao II FSM, no qual tivemos apenas dois seminários e algumas oficinas. Desta vez até tivemos o espaço Arco Íris, na Usina do Gasômetro, um espaço de socialização para homossexuais, lésbicas e gays que estão aqui.

IHU On-Line- Na sua conferência sobre Direitos e Diversidade, o Sr. citou a cultura judeu-cristã como uma das responsáveis pela homofobia. Os países socialistas não difundiram também essa visão?

Paulo Vieira- Eu citei a questão da Igreja porque ela é a dona de muitas escolas privadas e eu falava da privatização do ensino. E quando me refiro à Igreja, me refiro à hierarquia, não aos movimentos reformistas da Igreja, que muitos deles estão fazendo um trabalho muito bom, justamente no sentido de mudar a imagem que a Igreja tem da homossexualidade. Todas as religiões são homófobas, excetuando uma Igreja Evangélica, nascida nos EUA, que foi fundada por *gays*, a Igreja Metrópoli. Mas é sabido que, historicamente, o socialismo real dos países stalinistas da Europa ocidental do Leste e União Soviética foi grande constrangedor da homossexualidade.

IHU On-Line- Como vê a família hoje?
Paulo Vieira- O neoliberalismo reforça a importância da família tradicional como estrutura que vai substituir o Estado do bem-estar social. Isso reproduz toda a imagem que se tem de sexualidade a partir da família tradicional: monogâmica, machista, patriarcal, o que leva a uma incapacidade de mudança. Eu estou lutando pelos direitos da população de lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros porque é uma população muito discriminada, isso eu o sinto e o assumo. Mas tenho certeza que a mudança se faz em todos. Nós, mudando a forma como os homossexuais vivem sua sexualidade, mudamos a forma em que os heterossexuais a vivem. Assim como as mulheres na década de 60 desenvolveram o sistema contraceptivo que modificou toda a sexualidade dos últimos 30 anos. A influência dos homossexuais se nota muitíssimo atualmente, por exemplo, na crise do masculino na Europa. Essa crise foi provocada por nossa capacidade de intervenção. A influência dos homossexuais se nota na forma de vestir, nos cuidados, na exigência das mulheres de serem felizes sexualmente, de terem prazer.

IHU On-Line- Mas não acha que a sexualidade, seja homo seja heterossexual, está sendo explorada comercialmente
Paulo Vieira- Claro! O neoliberalismo percebeu este fenômeno: temos aqui um grupo de gente urbana, vivendo em grandes cidades, que não tem filhos, logo não gasta neles, vamos inventar alguma forma de que gastem dinheiro, consumindo, sempre consumindo. É o que o neoliberalismo faz com os *gays* e não o faz com as lésbicas. Nos estereotipam como jovens, bonitinhos, com grana, de festa em festa. Esse estereótipo faz com que haja uma aceitação maior do homem que da mulher homossexual.

IHU On-Line- Por que essa diferença?
Paulo Vieira- Tem a ver com o machismo social e também com que as lésbicas sofrem dupla discriminação por serem mulheres, pois nunca deixam de sê-lo, como nós nunca deixamos de ser homens. As lésbicas são discriminadas dentro dos movimentos *gays*, eu mesmo luto contra o machismo cultural que há em mim. São discriminadas pelos movimentos feministas porque o movimento tem muito medo de ser confundido com as lésbicas e achar que tudo é uma única coisa.

IHU On-Line- Fica difícil imaginar como seria a família numa sociedade em que a homossexualidade fosse aceita por todos. Como seria?
Paulo Vieira- Na realidade, pelo menos na Europa, já não se sabe o que é a família. Há uma percentagem enorme de crianças só criadas pela mãe ou pelo pai, um índice enorme de divórcios, mulheres que querem ter filhos sozinhas etc. A família tradicional existe muito mais no imaginário de alguns do que na realidade. Tenho três amigos que eram pequenos quando seu pai ficou viúvo e ele foi morar com um homem. Entre os dois os criaram, eles são os três heterossexuais, mas tratam os homossexuais com um respeito que eu gostaria que toda a sociedade nos tratasse dessa forma.

IHU On-Line- Uma criança nascida sob a proteção de homossexuais não tende a ser homossexual?
Paulo Vieira- Não. Muitos homossexuais saímos de famílias heterossexuais. Nenhum dos meus irmãos é homossexual. Tenho amigos homossexuais com filhos heterossexuais e vice-versa.

ACONTECE

CONVÊNIOS

Sexta-feira, dia 2 de maio, foi dia de reunião para abordar assuntos relativos a dois convênios de interesse do IHU. Discutiram-se os convênios da Unisinos com o Sicredi e com a Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano do Estado do Rio Grande do Sul. O primeiro convênio é estabelecido para o desenvolvimento do programa *A União Faz a Vida*, na Unisinos, e o segundo, para o desenrolar das atividades do programa de *Assessoramento e Capacitação de Cursos e Seminários de Cooperativas Habitacionais*. Ambos estão ligados à área de concentração II - Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade - do IHU. A reunião aconteceu no Escritório de Gestão e Tecnologia (EGT). Participaram o Prof. Vergílio Perius, da área de concentração II, a Profª. Vera Regina Schmitz, coordenadora adjunta do IHU, Jacinto Schneider, gerente administrativo do Centro de Ciências Humanas, Maria Inês Drehmer, do EGT, e Roberto Hupfer, analista de contratos da Universidade.

A ESTÉTICA DO RESSENTIMENTO

A psicanalista Maria Rita Kehl estará na Unisinos, no próximo dia 12/05, das 20h às 22h, no Anfiteatro Pe. Werner, ministrando um seminário sobre *A estética do ressentimento*. Maria Rita Bicalho Kehl, doutora em Psicanálise pelo Departamento de Psicologia Clínica da PUC – SP, tem uma clínica particular de adultos desde 1981. Atuou como jornalista entre 1974 e 1981. Desde então, publica artigos especializados em Psicanálise. Publica artigos em várias coletâneas, desde 1986. Autora dos seguintes livros: ***A mínima diferença*** (ensaios). Rio de Janeiro: Imago, 1996. ***Deslocamento do feminino*** (tese de doutorado). Rio de Janeiro: Imago, 1998. ***Processos primários*** (poemas). São Paulo: Estação Liberdade,1996. Organizadora do livro ***Função fraterna***. Rio de Janeiro: Delume Dumará, 2000. ***Sobre ética e psicanálise***. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

A Conferência abordará o ressentimento como uma configuração afetiva que faz solução de compromisso para os conflitos típicos da cultura do narcisismo e do individualismo, pois, ao mesmo tempo em que privilegia as escolhas individuais, livra o sujeito da responsabilidade de ter escolhido ou renunciado. Os aspectos éticos do ressentimento serão discutidos em exemplos extraídos da literatura e do cinema.

O ressentimento tem um aspecto moral, no sentido em que Freud se refere à "covardia moral do neurótico". O ressentido abre mão do seu desejo em nome de um outro, ou de uma norma, e depois cobra – também do outro – o prejuízo. Na clínica, observamos que funciona como

resistência. Aparece como um estado afetivo bastante resistente, que não se enquadra exatamente como uma "estrutura clínica", mas participa, de um modo ou de outro, de todas elas.

DIA, CAOS E COMPLEXIDADE

De 12 a 14 de maio, a Unisinos estará realizando o *Congresso Nacional Dia/2003 - Dia, Caos e Complexidade*, promovido pelo Programa de Pós- Graduação em Filosofia da Unisinos e o Grupo de Pesquisa Integrada Dialética (GPI). A partir do tema, os pesquisadores discutirão teorias clássicas e modernas que procuram, a partir do simples, derivar a complexidade. O GPI-Dialética busca, com suas pesquisas e encontros, formular um projeto de sistema dialético, que corrija os três grandes erros no sistema de Hegel, último grande projeto de sistema dialético, apontados por diversos filósofos contemporâneos - *contradição, contingência e totalitarismo*.
A atividade é aberta a todos os interessados das diversas áreas de conhecimento que utilizam a *Teoria de Sistemas*. A proposta do grupo será confrontada durante o congresso, com pesquisadores da Física, Biologia e da Filosofia das Ciências.

ANÁLISE DE CONJUNTURA

O BRASIL NO CAMPO DA EXPERIMENTAÇÃO E DA INOVAÇÃO

*Reproduzimos, na íntegra ,o artigo **O duplo movimento**, de José Luís Fiori, publicado na Revista **Carta Capital**, de 29 de janeiro de 2003. Os subtítulos são nossos.*

Durante um século a dinâmica da sociedade moderna foi governada por um duplo movimento: o mercado se expandia continuamente, mas esse movimento era enfrentado por um contra-movimento que cerceava essa expansão.'
'Se a economia de mercado foi uma ameaça para os componentes humano e natural do tecido social, o que mais se poderia esperar senão que uma ampla gama de pessoas exercesse a maior pressão no sentido de obter alguma espécie de proteção?'
*Karl Polanyi. **A Grande Transformação**, 1944*

NAVEGAR POR ÁGUAS DESCONHECIDAS

Alguém já disse, com razão, que o governo Lula terá que ser inventado. Quando Salvador Allende governou o Chile, no início da década de 70, intelectuais de vários cantos do mundo discutiam, em Santiago, sobre o que o seu governo deveria ser e fazer, a partir das experiências conhecidas de 'transição ao socialismo', ou dos governos de Frente Popular, da década de 30. Alguns também olhavam para os governos social-democratas da Europa, ainda que fossem poucos os que quisessem imitar, naquele momento, a experiência dos países nórdicos. Tudo isso são águas passadas, não apenas por conta do Muro de Berlim, mas porque o novo governo brasileiro não se propõe construir o socialismo, e ninguém sabe exatamente como se desmonta a bomba de tempo deixada pelos governos neoliberais, sem cair no imobilismo inicial nem na tragédia final do governo De La Rúa. Não existem ainda modelos de

'transição' que tenham sido experimentados com sucesso, e por isso haverá que navegar por águas desconhecidas, o que deve colocar o Brasil no campo da experimentação e da inovação internacional.

A agenda Lula: buscar 'A Grande Transformação'

Os objetivos do Governo Lula, entretanto, não são novos nem originais e apontam para uma agenda conhecida da maioria dos países europeus: a ampliação e consolidação dos direitos civis e políticos e a construção de uma democracia e de um estado social capaz de reorientar estrategicamente uma parte do desenvolvimento capitalista brasileiro para o atendimento sustentado das grandes necessidades e direitos básicos da população. Uma agenda antiga, mas que, no caso do Brasil – como da maior parte da periferia capitalista mundial –, significaria realizar em poucos anos o que tomou uma boa parte dos séculos XIX e XX dos europeus, só se consolidando de fato, depois da II Guerra Mundial. Um longo processo de transformação e democratização das sociedades capitalistas européias, que Karl Polanyi chamou de *A Grande Transformação,* na sua obra clássica publicada em 1944, em que faz um relato e uma interpretação absolutamente original sobre a crise que destruiu a 'civilização liberal' do século dezenove, entre as duas grandes guerras mundiais do século vinte. E sobre as forças profundas e de longo prazo, que levaram ao nascimento - depois da crise de 30 e das guerras - de um novo consenso econômico favorável ao crescimento e ao pleno emprego e de um novo consenso político favorável à construção dos estados de bem-estar social.

O 'duplo movimento'

Para explicar as origens desta 'grande transformação', Karl Polanyi formula uma teoria sobre o desenvolvimento das economias e sociedades de mercado e sobre seus momentos de ruptura. Em poucas palavras, Karl Polanyi identifica a existência de um 'duplo movimento' na história do capitalismo, resultado da ação permanente e contraditória de dois princípios organizadores das economias e sociedades de mercado, cada um deles apontando para métodos e objetivos específicos. Um, seria o 'princípio do liberalismo' econômico, que propõe, desde as origens do sistema, a universalização dos mercados auto-regulados, através da defesa permanente do *laissez-faire* e do livre-comércio. E o outro, seria o princípio da 'autoproteção social', uma reação defensiva que se articula historicamente 'não em torno de interesses de classes particulares, mas em torno da defesa das substâncias sociais ameaçadas pelos mercados' (1980: 164)[2]. Muitos intérpretes de Polanyi leram sua tese sobre o 'duplo movimento' das economias e sociedades capitalistas, como se fosse uma seqüência no tempo ou se tratasse de um movimento pendular através da história. A visão de Karl Polanyi, entretanto, é mais dialética do que pendular, porque para ele, os dois princípios têm raízes materiais e sociais que convivem de forma necessária, permanente e contraditória dentro do capitalismo. Os 'anticorpos', que acabam paralisando e corrigindo a expansão entrópica dos mercados auto-regulados, nascem de dentro da própria expansão mercantil, se manifestam esporadicamente nos interstícios do mundo liberal e acabam se fortalecendo com a destruição que a expansão desregulada dos mercados acaba provocando, no longo prazo, do trabalho, da terra, do dinheiro e da própria capacidade produtiva das nações.

As bases do choque distributivo

Além disso, este princípio da 'autoproteção social' pode se manifestar de duas maneiras diferentes:

---

[2].- ***POLANYI. Karl,*** A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 1980.***

dentro das sociedades nacionais, através de várias formas de democratização política e social e da construção de redes de proteção coletiva das populações;
dentro do sistema internacional, na forma de uma reação defensiva dos estados que decidem proteger seus sistemas econômicos nacionais, em situações de crise ou de competição desigual.
No caso dos países europeus, e no período histórico analisado por Polanyi, estes dois movimentos de autoproteção convergiram, invariavelmente, devido à permanente competição interestatal européia e ao lugar central das guerras nestas competições. Segundo Polanyi, o desafio externo tende a diluir as fronteiras de classe, estimulando várias formas de solidariedade e consciência nacional, como aconteceu entre 1914 e 1945, momento em que se criaram as bases para o maior choque distributivo e democratizante da história do capitalismo Mas depois de 1945, as políticas voltadas para o pleno emprego e para a proteção pública e universal das populações só foram possíveis graças à autonomia concedida às políticas econômicas nacionais, pelo controle da circulação internacional dos capitais, acordado em Bretton Woods, em 1944, uma verdadeira heresia na época de ouro da 'civilização liberal', entre 1840 e 1914.

Talvez tenha chegado a hora...

Na virada do século XXI, a história parece querer repetir-se. Como se o mundo tivesse vivido uma nova 'civilização liberal', depois de 1970, e ela também estivesse entrando em crise. De novo, em poucas décadas, se reproduziu o mesmo processo de concentração da riqueza e do poder que levou à corrida e às guerras imperialistas dos séculos XIX e XX. E, guardadas as diferenças, os tambores de guerra já voltaram a soar, anunciando o retorno do 'poder das armas' ao epicentro do sistema mundial, ao mesmo tempo em que o mundo enfrenta uma crise financeira e de crescimento e se multiplicam as formas de protecionismo das grandes potências econômicas. Foram enormes as promessas e expectativas depositadas nos mercados auto-regulados, durante as últimas décadas do século XX. E hoje se generaliza pelo mundo afora, a crítica às crenças e às políticas liberais do Consenso de Washington, enquanto se renovam as idéias e as propostas de um novo tipo de intervencionismo estatal voltado para um desenvolvimento mais inclusivo e menos destruidor da natureza. Talvez tenha chegado a hora de uma nova 'grande transformação' do capitalismo, em particular na América Latina, onde o fracasso neoliberal foi mais retumbante. Mas, sobretudo no Brasil, onde a vitória eleitoral da esquerda e o novo governo Lula representam a culminação de um processo pacífico e sem precedente de expansão contínua das forças políticas e sociais favoráveis à democratização radical do capitalismo e da sociedade brasileira.

A chance brasileira

Uma revolução distributiva que aponte, no médio prazo, para a construção de uma economia nacional sólida, uma democracia social e um estado de bem-estar, como ocorreu na 'grande transformação' dos países capitalistas mais desenvolvidos. Este movimento na direção social, por outro lado, traz de imediato, ao primeiro plano, a rediscussão do posicionamento internacional do Brasil. Mesmo sem guerra ou projetos hegemônicos, a história sugere que uma grande transformação social do capitalismo brasileiro, deverá ser acompanhada de um movimento de 'autoproteção' da economia brasileira, repensada à luz de um projeto de nação. Se este movimento seguir - pelo menos em parte - a experiência histórica analisada por Polanyi, ele envolverá uma redefinição da posição econômica e política internacional do país, e implicará a utilização de alguma variante das estratégias neomercantilistas adotadas, desde sempre, pelas grandes potências econômicas do sistema mundial.

O que a história ensina

É óbvio que a história não se repete, mas é importante ter presente que até a crise de 1930, os governos liberais europeus que adotaram ou se submeteram às regras dos mercados abertos e desregulados, sempre viveram sob o medo da fuga de capitais, ou pelo menos sempre usaram este medo como justificativa para bloquear qualquer forma de gasto público ou incorporação e proteção social, que pudesse ameaçar a estabilidade de suas moedas e o equilíbrio de seus orçamentos. Tanto foi assim que – como relembra Polanyi - mesmo depois da I Guerra Mundial e durante a década de 1920, 'o pagamento dos empréstimos externos e o retorno às moedas estáveis seguiam sendo as pedras de toque da racionalidade política. Nenhum sofrimento particular, nenhuma violação de soberania, era considerada um sacrifício demasiado grande para a recuperação da integridade monetária... até mesmo o abandono dos direitos nacionais e a perda das liberdades constitucionais eram considerados um preço justo a pagar pelo cumprimento da exigência de orçamentos estáveis e moedas sólidas...' (1980, p:147). Só depois da crise econômica mundial de 1930, é que foram efetivamente abandonadas as crenças e as políticas liberais, abrindo-se as portas para as políticas e as mudanças institucionais que levaram à construção das democracias e dos estados sociais do pós-II Guerra Mundial. Mesmo no caso norte-americano, como relembra Polanyi, 'o mercado financeiro sempre governou através do pânico, e só o eclipse de Wall Street, nos anos trinta, salvou os Estados Unidos de uma catástrofe social do tipo continental'.

Buscar 'caminhos da invenção'

São duas, portanto, as lições mais importantes deixadas pela história: 1) sob a hegemonia do 'princípio' ou das políticas liberais, e, portanto, sem algum tipo de proteção e regulação das economias nacionais, se reduz inevitavelmente o espaço de expansão da democracia, e fica praticamente inviabilizada a construção de um estado de bem-estar social e de um crescimento econômico sustentado; 2) no caso europeu e norte-americano, a crise econômica de 1930 e a II Guerra Mundial foram decisivas, para que surgisse uma política econômica e uma nova hegemonia política que priorizaram a proteção social, o desenvolvimento e o pleno emprego. Por sorte, o Brasil não deve enfrentar nenhuma guerra, e todos torcem para que não se repita uma crise de 30. Nestas condições, como desativar a bomba de tempo deixada pelas políticas liberais e como fazer uma 'grande transformação' do capitalismo e da sociedade brasileira, mantendo os mercados abertos e desregulados? Se o passado pode servir como modelo, não há duvida de que esta é a equação e suas principais incógnitas, e é aqui que começa o caminho da invenção política e intelectual deste novo projeto para o Brasil.

DESTAQUES DA SEMANA

Entrevista da Semana

DO MONOTEÍSMO À ÉTICA CAPITALISTA

A entrevista desta semana é de Jacques Attali. J, Attali, economista francês, foi conselheiro especial do presidente François Mitterrand durante dez anos, de maio de 1981 a abril de 1991; fundador e primeiro presidente do Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento (Berd); criador da Planet Finance, organização de captação de "microcréditos" para países do Terceiro Mundo; e presidente da ACA, escritório especializado em consultoria para governos de países em desenvolvimento da África, Ásia, Europa do Leste e América Latina. Dentre seus livros, citamos: ATTALI, Jacques. **Les Modèles Politiques**. Paris: PUF, 1972, ATTALI, Jacques. **Analyse Économique de la Vie Politique**, Paris: PUF, 1981, ATTALI, Jacques. **Economie de L'Apocalypse**. Paris: Fayard. 1995, ATTALI, Jacques. **Fraternités**. Paris: Fayard, 1999, ATTALI, Jacques. ***Blaise Pascal ou le Génie français*** *(Blaise Pascal ou o gênio francês). Paris: Fayard, 2000.*

Reproduzimos, na íntegra, a entrevista que concedeu ao jornal ***Valor Econômico****, de 25 de abril de 2003. Nesta entrevista J. Attali fala sobre sua recente obra* ***Les Juifs, le Monde et l´Argent****, um livro que mostra como o papel dos judeus no desenvolvimento das finanças foi uma imposição e não escolha.*

Os judeus correspondem à imagem de usurários retida pela memória da História? Suas relações com o dinheiro foram especiais e singulares? Seu papel nas engrenagens do capitalismo foi específico? Eles aproveitaram as guerras e as crises para acumular fortunas? Ou, ao contrário, foram eles banqueiros, ourives, financiadores porque não tinham acesso a outras profissões? São eles, hoje, mestres da globalização ou seu maior adversário? As inúmeras indagações listadas por Jacques Attali são o leitmotiv de sua obra ***Les Juifs, le Monde et l´Argent****, com lançamento previsto para breve no Brasil pela Editora Futura.*

Ao investigar a história econômica dos judeus, Attali procurou descobrir por que "os inventores do monoteísmo se encontraram em situação de fundar a ética do capitalismo". Sua tese é simples: o papel particular protagonizado pelos judeus no desenvolvimento da economia e das finanças foi uma imposição e não necessariamente uma escolha. Jesus prega a aproximação de Deus na mendicidade, diz Attali. Já para os judeus, a pobreza é intolerável e a riqueza não é um fim, mas um meio de servir a Deus. O autor invoca o caráter nômade do povo judeu como uma das justificativas ao seu apego às formas líquidas de riquezas, e as contingências da história, que, por um longo tempo, colocaram os judeus como os únicos a quem era autorizado emprestar dinheiro. Em mais de 600 páginas, Attali atravessa séculos a fim de desvendar o falso e o verdadeiro nesse "tema tabu", do qual, diz, os "judeus só têm razões de se orgulhar".

Valor: No livro, o sr. contesta o "mito" dos judeus como um povo fascinado pelo dinheiro, um meio privilegiado de exercício de poder. A sua perspectiva é outra: o inventor do monoteísmo ajudou a fundar a ética do capitalismo.

Jacques Attali: Eu quis tentar compreender o papel que os judeus puderam ter na história do mundo em relação à economia. Não escrevi o livro para destruir qualquer tese que seja, mas para tentar compreender. Mas, tentando compreender, dei-me conta de que o mito era inexato. Mas, no início, não havia um *parti pris* de minha parte. O inventor do monoteísmo foi bastante instrumental na implantação de valores fundadores da ética do capitalismo, principalmente no fato de que o dinheiro só tem sentido se é colocado a serviço de um projeto que o ultrapassa e se é um instrumento a serviço do bem-estar coletivo, e não do bem-estar individual. Tudo isso

incluído num conjunto de regras, princípios, procedimentos, de modos de comportamento e práticas bastante numerosas.

Valor: O sr. coloca o "Antigo Testamento" e o período bíblico como um momento essencial da civilização, pela substituição dos sacrifícios humanos por uma indenização monetária: "o dinheiro interrompe a violência".
Attali: Há isso e também a idéia fundadora do pensamento judeu da negação da Lei do Talião. Com freqüência, no pensamento cristão, crê-se que a lei "olho por olho e dente por dente", que consiste em matar pela vingança, é judia. Na verdade, no texto bíblico, há a idéia de que é preciso substituir o ato de violência por uma indenização monetária. A grande idéia fundadora judia é a de parar com o ciclo de violência, não opor a vingança à violência. O dinheiro, a lei do mercado, torna-se um modo de pacificação e de civilização.

Valor: Quais são as influências do "Talmud de Jerusalém", no século IV, e do texto da Babilônia, no século VI, nesse contexto?
Attali: Os textos do "Talmud" são exemplos de jurisprudência que tentam explicar em detalhes como aplicar esses grandes princípios na vida cotidiana: por que podemos aceitar os empréstimos a juros, uma vez que depois ele será proibido pelas outras religiões; por que podemos aceitar os empréstimos com juros entre judeus e não judeus; por que podemos aceitar a venda de terras e em que condições. Eles resumem muitos dos problemas da economia moderna, e precisam mesmo, em detalhes, as leis do trabalho, o uso das letras de câmbio, os limites do lucro com a noção de "preço justo", etc.

Valor: O "imposto de solidariedade", o "tsedaka", seria a primeira aparição do imposto sobre a renda?
Attali: O "tsedaka" é um tipo de imposto de renda, pois diz que toda pessoa deve, voluntariamente, destinar em torno de 20% de seus ganhos aos pobres. Mas não pagando ao Estado, mas dando, seja diretamente ou numa forma anônima, aos pobres. É um imposto de redistribuição. Foi o que inspirou o meu projeto de microcréditos do Planet Finance. Maimonide dizia que o grau mais elevado da caridade consiste não em dar dinheiro a alguém, mas em emprestar o bastante para que ele nunca mais tenha necessidade de pedir novamente. Os microcréditos são extamente isso: ajudar as pessoas a ter o suficiente para não ter de depender mais da caridade. Com Planet Finance tentamos fazer isso pelo mundo todo e também no Brasil.

Valor: Para o sr., a oposição fundamental das relações entre judeus e cristãos em relação ao dinheiro é a razão de séculos de intolerância.
Attali: É uma das fontes da intolerância. O cristianismo, de uma certa maneira, teve para certos cristãos a atitude de ingratidão, que consiste em lamentar que os judeus sejam os inventores do monoteísmo. Eles foram ingratos em relação aqueles que trouxeram Deus, pois Deus é uma conquista judia. Igualmente, na medida em que o cristianismo interditou o empréstimo com juros, eles foram ingratos em relação àqueles que lhe emprestaram, não Deus, mas dinheiro. Há essa dupla ingratidão, que conduziu, em certos casos, a comportamentos de hostilidade. Nem sempre, pois também há entre judeus e cristãos, ao longo da história, relações extremamente próximas.

Valor: Segundo o sr., em torno do ano mil, haveria cerca de 150 mil judeus na Europa e durante três séculos ele seriam os únicos a poderem emprestar dinheiro. Na Idade Média,

associa-se todo judeu a um credor e todo cristão a um devedor. O sr. diz que a Igreja assimilou o financiador ao diabo, como o *dealer* que fornece droga.
Attali: Os judeus não são apenas financiadores na Idade Média. Há muito poucos judeus na Europa e bruscamente há uma demanda de crédito, que não existia antes, e os judeus têm o direito de atender essa demanda. Eles se tornaram os banqueiros da Europa. Pode-se dizer que eles deflagraram o capitalismo europeu. A idéia de associar aquele que empresta dinheiro ao diabo está vinculada, por exemplo, ao não reembolso dos empréstimos por parte dos cristãos.

Valor: O sr. refuta Max Weber e sua tese, segundo a qual, o protestantismo seria uma das principais fontes de desenvolvimento do capitalismo nos séculos XVIII e XIX.
Attali: A idéia segundo a qual o protestantismo está na origem do capitalismo é uma tese absurda. O capitalismo começou muito antes da existência do protestantismo, pois ele surgiu, no minímo, no século XII na Europa. É verdade que o protestantismo, reencontrando os valores judeus – a idéia de que o dinheiro não é maléfico –, é uma redescoberta formidável dos princípios do judaísmo.

Valor: A imagem do judeu usurário se perpetuou até hoje, mas a influência judia na economia e no mundo das finanças não seria mais a mesma. Os banqueiros judeus do século 19, nos Estados Unidos e Viena, deram lugar a artistas ou psicanalistas nas gerações seguintes, segundo o sr. afirma em seu livro.
Attali: Isso tudo acabou. Os judeus tiveram um papel importante, essencialmente no século XII e, nos Estados Unidos, no século XIX. Mas, nos EUA, eles concorriam com os protestantes, e não estavam em situação dominante. Haviam bancos judeus, mas não apenas bancos judeus. A importância judia no mundo das finanças desapareceu completamente, primeiro, no século XIV, quando os cristãos começaram a ter o direito de atuar como financiadores. Ela reapareceu um pouco depois nos Estados Unidos durante cinqüenta anos, entre 1860 e 1910, e então desapareceu. Depois que deixaram os bancos, muitos judeus investiram no meio do espetáculo. Os grandes estúdios como Fox, MGM, Universal, Warner Brothers surgiram graças a empresários judeus. Mas isso também terminou. Como eles sofriam com essa acusação de dar muita atenção ao dinheiro, os judeus também se detestavam a si próprios, pois isso alimentava um ódio a si mesmo. E eles passaram a atuar no teatro, por exemplo. Viena era completamente judia no teatro. E também no caso da psicanálise. A psicanálise é fundada, em muito, no ódio ao dinheiro. Houve uma instalação de um processo crítico do uso do dinheiro pelos judeus, o que os levou às profissões artísticas.

Valor: Seu livro recebeu algumas críticas por apresentar uma "relação idílica" dos judeus com o dinheiro, esquecendo-se de que o dinheiro judeu também teria sido usado para financiar guerras.
Attali: Financiar guerras, não especialmente. Eu mesmo digo que os Rotschild fizeram fortuna com o financiamento da guerra da Inglaterra contra Napoleão. É verdade que todo financiamento da defesa das potências européias contra Napoleão foi financiada pelos Rotschild. Mas isso não é financiar guerras, é financiar a defesa contra um invasor.

Valor: O sr. coloca Spinoza como o primeiro grande pensador judeu da modernidade, apóstolo de um Deus universal; critica o anti-semitismo de Voltaire como um subproduto de um anticristianismo, e assinala a assimilação de judaísmo e capitalismo por Marx, como os dois inimigos a serem combatidos.

Attali: Spinoza é o primeiro que começa a distinguir claramente essa questão e que pensa fora do pensamento religioso. É um pensamento livre, que considera que se pode pensar a liberdade independente dos textos religiosos. Ele atinge a idéia de que Deus está por tudo, é abstrato, não é o Deus das Escrituras. Voltaire tem um lado anti-semita e também um lado admirativo em relação ao que o povo judeu contribuiu para a História. Para Marx, o capitalismo nasceu do judaísmo, então, para destruir o capitalismo é preciso destruir o judaísmo. Esse texto dele é incrivelmente anti-semita, inscreve-se, aliás, no pensamento alemão, e também num tipo de ódio de si mesmo. Os marxistas não gostam muito de citar esse texto de Marx.

Valor: No capítulo sobre o Brasil, o sr. escreve que, em 1648, dos 12 mil habitantes europeus em solo brasileiro, havia cerca de 1,4 mil judeus, a maioria deles instalada em Recife. O sr. cita uma carta da época do governador de Recife, Adriaen Lems, queixando-se à Companhia das Indias de que os judeus não permitiam aos não judeus prosperarem por exagerarem nos lucros obtidos com o comércio de escravos, que às vezes alcançava 300% por cabeça.
Attali: Os judeus têm um papel particular no Brasil, pois eles partiram para o Brasil seja para fugir da colonização ou para expulsar os espanhóis. Eles foram com os holandeses mais tolerantes. Mas foram, infelizmente, pegos quando os espanhóis expulsaram os holandeses. Nessa parte holandesa do Brasil eles são refinadores de açúcar e utilizam muitos escravos, como todo mundo na época, não se trata de uma especialidade judia. Depois, eles partirão nos navios holandeses, e é assim que chegaram a Manhattan. Mas se eles impediram os não judeus de prosperar, como diz essa carta, é talvez também pelo fato de que eles tratavam melhor os escravos. Nesse caso, eles não ajudaram no desenvolvimento capitalista porque foram impedidos, foram expulsos com a partida dos holandeses. Eles estavam com Maurício de Nassau, depois se foram. Foi o Brasil que os expulsou.

Valor: O sr. coloca, igualmente, o problema da indentidade judia com a banalização do nomadismo imposta pela globalização.
Attali: O povo judeu, como todo povo, está em permanente dialética entre uma terra e uma identidade que não é somente uma terra. Acredito que se verá o povo judeu, por muito tempo, nessa dualidade entre Israel e a Diáspora. O fato de que há uma terra de Israel não é o fim do nomadismo. Seria o fim do nomadismo se fosse o fim da Diáspora. O problema da identidade é colocado para os judeus assim como para todo mundo. Digo que o Brasil, que tomo seguido como exemplo no meu livro *Dicionário do Século XXI*, é o modelo do futuro do mundo. É um modelo de mestiçagem, de misturas, nas quais as identidades podem ser questionadas. A identidade judia é questionada. Diz-se seguidamente, por exemplo, que mais de 52% dos casamentos judeus são uniões mistas. Não é uma estatística especialmente judia, mas que é válida para todo mundo. Matematicamente, o povo judeu vai desaparecer num século, por fusão com outros povos. Mas, como já se disse tantas vezes que o povo judeu vai desaparecer, já não sabemos se será o caso.

Valor: Por que perdura até hoje essa idéia do judeu associado ao dinheiro?
Attali: Porque os mitos levam muito tempo para morrer. Meu livro não foi contestado por ninguém em nenhum fato. Espero que ele ajude a fazer desaparecer esse mito. Foi preciso dois mil anos para criá-lo e serão precisos alguns séculos para que ele desapareça.

Artigo da Semana

EUGENIA E JUSTIÇA SOCIAL

Reproduzimos, na íntegra, o artigo de Adela Cortina publicado no jornal espanhol ***El País****, no dia 28 de janeiro de 2003. Adela Cortina é diretora da Fundação ETNOR. É doutora em filosofia e professora catedrática de Filosofia Jurídica, Moral e Política da Universidade de Valencia, Espanha. É autora de inúmeros livros, entre os quais citamos* ***Razón comunicativa y responsabilidad solidaria****, 1985,* ***Ética mínima****, 1986,* ***Ética sin moral****, 1990,* ***La moral del camaleón****, 1991. O seu penúltimo livro,* ***Alianza y Contrato. Ética, Política y Religión****, Editora Madrid: Trotta, 2001, 184p., foi resenhado na edição 27ª deste boletim, páginas 11-12. Em português está publicado o seu livro* ***Ética Civil e Religião****, São Paulo: Paulinas, 1996. Os seus últimos livros estão sendo traduzidos para o português pelas Edições Loyola. Adela Cortina acaba de publicar o livro* ***Por una ética del consumo****, Madrid: Taurus, 2002. De Adela Cortina publicamos uma entrevista na edição número 43, de 18 de novembro de 2002, e outra entrevista, feita pelo* ***IHU On-Line****, na edição número 44, de 25 de novembro de 2002. Adela Cortina apresentou uma edição especial do* ***IHU Idéias*** *dia 20 de novembro de 2002, com o tema desenvolvido em seu penúltimo livro,* ***Alianza y Contrato. Política, Ética y Religión.*** *O artigo foi traduzido pelos colegas do* ***Cepat****- Curitiba, aos quais agradecemos.*

"A ética das biotecnologias está na atualidade. Os meios de comunicação, em nosso país, servem de plataforma permanente para os debates sobre a pesquisa com embriões restantes das técnicas de reprodução humana assistida, ou criados expressamente, e sobre a pesquisa com células troncos; multiplicam-se os congressos sobre temas como o dos alimentos transgênicos. Entretanto, há um tema que passa completamente inadvertido, mesmo que seja uma realidade, que é o da eugenia, a possibilidade de criar "um mundo feliz", tal como previu Aldous Huxley.

Com efeito, como recorda Fukuyama, a geração que nasceu na metade do século passado leu em duas utopias negativas a possibilidade de que o futuro fosse terrível: em ***Admirável mundo novo***, de Huxley (1931), e em ***1984***, de George Orwell (1949). Na obra de Huxley, mostrava-se como o desenvolvimento biotecnológico podia conduzir a um mundo sem envelhecimento, sem morte, sem dor, um mundo de indivíduos satisfeitos com o lugar que ocupam na sua sociedade, alheios à idéia de culpa ou de castigo. Um mundo, em suma, feliz, mas sem liberdade; um mundo que se podia considerar "pós-humano", levando em consideração que a liberdade é para o Ocidente um traço decisivo da humanidade.

1984, por sua parte, prevenia contra o risco do totalitarismo que as tecnologias da comunicação podiam proporcionar: o Grande Irmão poderia controlar o conjunto das vidas de uma gigantesca tela. Em ambas as distopias, o incremento – não o progresso – das tecnologias poderia conduzir a um *pessimum*, e não a um *optimum*.

Com o passar do tempo, pode se dizer que a revolução da comunicação e da informação se produziu, até o ponto em que a nossa época pode rotular-se como a "Era da Informação", mas seus resultados são ambíguos. Por uma parte, estas tecnologias foram postas a serviço da descentralização da informação e das comunicações, de modo que os cidadãos se conectam entre si com maior facilidade que em outros tempos. Mas, por outra parte, o controle que serviços policiais e agências secretas, como foi a KGB ou é a CIA, podem chegar a exercer e exercem, apresenta um lado totalitário indiscutivelmente aterrador.

Entretanto, o augúrio de Huxley parece cumprir-se. As biotecnologias parecem estar sentando as bases de um mundo prazeroso no qual será possível evitar um grande número de doenças, prolongar a idade, reforçar os caracteres hereditários que podem levar a gerações mais inteligentes e belas, inclusive, talvez, evitar a morte. As grandes perguntas, entre outras, são

então: Podem-se considerar ainda "humanos" seres que, como os Alfa, Beta, Delta, Gama e Ipsilon de Huxley, carecem dos traços que historicamente consideramos como próprios dos seres humanos? A eugenia é eticamente desejável? Mesmo que a primeira questão seja apaixonante e a ela tenha dedicado algum trabalho, quisera abordar desta vez o tema da eugenia.

A percepção da eugenia é muito diferente no mundo anglo-saxão, mesmo com exceções, e no continente europeu. Na Europa, a experiência do nazismo deixou marcas profundas, a convicção de que não se deveria repetir algo semelhante. No mundo anglo-saxão, porém, as coisas se vêem com maior otimismo, desde o momento em que parece possível distinguir entre *eugenia autoritária* e *eugenia liberal*. A eugenia praticada na Alemanha hitleriana era coercitiva e era patrocinada pelo Estado, era, portanto, autoritária, enquanto, no caso da eugenia liberal, o Estado se manteria neutro e seriam os pais os que promoveriam determinadas intervenções ou outras, num tipo de eugenia voltada ao aperfeiçoamento de um indivíduo concreto. Não se trataria, definitivamente, como sustentam alguns autores, de acrescentar ao direito dos pais à educação de seus filhos o direito a proporcionar-lhes a melhor herança genética ao seu alcance econômico? Não se pode dizer, então, que entre eugenia e educação existe apenas diferença?

No debate, entraram, como é lógico, grande número de autores, e entre eles Habermas, que entende que entre eugenia e educação existe uma grande diferença. No caso da educação, a pessoa pode levantar-se criticamente contra quem decidiu determinado tipo de educação ou outro, ou seja, a ação é reversível, enquanto a ação eugênica é irreversível, e a pessoa cuja herança se manipula não foi tratada como um potencial interlocutor. Entretanto, daqui não se segue o rechaço de qualquer forma de eugenia, mas apenas da positiva, da eugenia aperfeiçoadora. Porque a grande pergunta da manipulação genética humana não é se é possível eticamente intervir, mas se é possível nas intervenções genéticas ir além da *eugenia negativa*, ou seja, além da eugenia terapêutica, e entrar no terreno da *eugenia positiva*, da eugenia do aperfeiçoamento.

Podemos antecipar que um futuro interlocutor estará de acordo com que se corrijam doenças graves, por isso existem menos discrepâncias sobre a eugenia negativa; mas a eugenia de aperfeiçoamento abre um conjunto de possibilidades que urge considerar antes que qualquer seita raeliana ou simplesmente o mercado, nos conduza a becos sem saída.

Obviamente, qualquer avaliação ética de uma nova tecnologia deve, em *primeiro lugar*, perguntar-se de forma responsável pelas conseqüências das intervenções. No caso das genéticas, pouco se sabe, e isso aconselha *precaução*, entender que são razoáveis se se pretende com elas evitar doenças graves e submeter as restantes a moratórias.

Em *segundo lugar*, cabe perguntar se a eugenia positiva abre um mundo "pós-humano", um mundo de seres felizes mas não livres, como apontava o livro de Huxley. No entanto, não creio que seja esse o risco, mas que, continuando com Huxley, a liberdade não se perde tanto pelo condicionamento genético como por outros fatores que funcionam de uma forma quase infalível: o que Huxley chama a "soma", que não é senão uma substância que permite aos moradores do mundo feliz alienar-se quando chegam a dor ou a emoção excessiva e submergir-se num imaginário bem-estar, e a *hipnopedia*, a mentalização que os novos seres sofrem desde o momento da fecundação, as palavras repetidas até a saciedade sem raciocínio. A hipnopedia, afirmava Huxley, constitui "a maior força socializadora e moralizadora de todos os tempos".

Um *terceiro âmbito* de questões se abre a partir da idéia do "bebê *à la carte*", do bebê desenhado pelos pais segundo suas preferências pessoais, segundo as modas de uma determinada época. Se já a eleição educativa tem algo de desenho, o que dizer de uma intervenção genética, na qual não há, por parte da criança, nenhuma possibilidade de dar seu consentimento.

Entretanto, talvez *a questão mais espinhosa* consista em que uma eugenia liberal deixa ao jogo do mercado a possibilidade de melhorar a herança genética dos indivíduos, possibilidade que afeta profundamente a *justiça social*. Nas tradições liberais e socialistas, fala-se de que os seres humanos nascem submetidos a uma dupla "loteria", a natural e a social, e o mais elementar princípio da igualdade de oportunidades exigiu a correção das desigualdades geradas por esse tipo de loteria. A manipulação genética permitiria agora evitar a loteria natural e pôr nas mãos da livre eleição dos pais o fomento das características desejadas para os filhos, sempre que tiverem a capacidade aquisitiva necessária para isso. Ampliar-se-iam, então, as desigualdades naturais e sociais, que já são enormes, com as desigualdades naturais geneticamente manipuladas. O mundo de hierarquias, no qual na realidade já vivemos, nada mais faria senão reforçar-se com novas elites e classes geneticamente potencializadas.

Um Estado social que interviesse para ajudar universalmente com uma tecnologia barata e acessível a todos seria uma exigência de justiça. Mas não apenas isso, também uma Sociedade Global justa que, a partir de instituições internacionais, pusesse essas tecnologias ao alcance de todos os seres humanos, se é que realmente fossem desejáveis.

O debate apenas está começando, e a incerteza impregna o futuro. Entretanto, é urgente que não só especialistas, políticos e empresários abordem estas questões, mas também, de modo especial, os cidadãos. Uma humanidade reativa entende quando os acontecimentos já passaram; uma humanidade proativa, pelo contrário, resiste ao fundamentalismo dos fatos consumados, antecipa o futuro e o cria na medida da dignidade humana".

Frases da Semana

Tudo é mercadoria!

"Sinistra astúcia da história em Bagdá: a herança da civilização mesopotâmica foi transformada em mercadoria tanto pela ganância dos que encomendaram o saque como pela negligência dos americanos (para quem proteger o museu não foi prioridade nenhuma). "Sucesso" da modernidade: o passado tornou-se um perfeito instrumento do futuro, pois serviu apenas para que alguns fizessem fortuna" – **Contardo Calligaris**, psicanalista, no artigo "No Museu de Bagdá com Ali Ismail", **Folha de S. Paulo**, 1 de maio de 2003.

Arquitetura do medo

'Estamos diante de uma arquitetura que explicita o medo da violência. É crescente o número de elementos medievais e carcerários presentes nas habitações" – **Sonia Ferraz**, professora do departamento de arquitetura da Universidade Federal Fluminense – **Folha de S. Paulo** 1 de maio de 2003.

"A cultura do medo foi sendo gradativamente introduzida como elemento para atrair o comprador. Quanto mais elementos de proteção as imobiliárias oferecem, mais dão a idéia de que a violência aumenta é assustadora" - **Sonia Ferraz**, professora do departamento de arquitetura da Universidade Federal Fluminense – **Folha de S. Paulo** 1 de maio de 2003.

"A segurança hoje é um item básico e essencial; se não vendemos segurança, não vendemos imóvel" – **Rogério Santos**, diretor de marketing da Abyara Planejamento Imobiliário – **Folha de S. Paulo** 1 de maio de 2003.

Um governo de moeda

"O risco é você se tornar um governo de moeda, e não do social. Quando você dá toda a ênfase à política monetária, e o gestor da economia é o gestor da política monetária, há uma tendência de aquilo se tornar o âmago da questão. Isso aconteceu com o ex-ministro da Fazenda Pedro Malan. Você submete qualquer outra política a esta do governo de moeda" – **Antoninho Marmo Trevisan**, empresário e consultor – **Folha de S. Paulo**, 1 de maio de 2003.

"Quando atrai recursos externos por conta de juros elevados, você só atrai o dinheiro pirata, que vai e vem com a mesma velocidade. Eu acho muito perigoso" - **Antoninho Marmo Trevisan**, empresário e consultor – **Folha de S. Paulo**, 1 de maio de 2003.

Competitividade! Competitividade!

"Há vinte anos a gente aprende que a empresa tem de ser competitiva. Com isso criamos o nosso ótimo local, onde cada um define o seu próprio espaço, trabalhando na competitividade. Mas o ótimo local não é a soma dos vários ótimos locais. Cada um deles é como o ar-condicionado, que esfria dentro, mas esquenta fora, o que não é um problema para quem está no fresquinho, ou seja, no ótimo local" – **Miguel Abuhab**, presidente da Datasul, em entrevista concedida à revista **Ícaro Brasil**, Revista de Bordo Varig, abril 2003, p. 28-33.

Brasil competitivo

"No Brasil de hoje, por exemplo, as empresas produzem cinco vezes mais, com cinco vezes menos pessoal. Então, se o problema do país fosse competitividade, estava resolvido. Entretanto, a campanha de que o país ainda necessita é a da Fome Zero" – **Miguel Abuhab**, presidente da Datasul, em entrevista concedida à revista **Ícaro Brasil**, Revista de Bordo Varig, abril 2003, p. 28-33.

Se competitividade resolvesse...

"Se a competitividade fosse a saída para os problemas do Brasil, eles estariam resolvidos. Mas, ao contrário, não estamos resolvendo os problemas da sociedade. Continuamos a cavar nossos buracos, e a falar em competitividade. Em resumo, cada empresário está pensando em seu ótimo local" – **Miguel Abuhab**, presidente da Datasul, em entrevista concedida à revista **Ícaro Brasil**, Revista de Bordo Varig, abril 2003, p. 28-33.

Automação e desemprego

"Em termos mundiais, assim como existe uma ISO 14.000 para o ambiente, devia-se proibir, pela ONU, o emprego de equipamentos de automação que eliminassem os empregos de nível mais baixo. Se os Estados Unidos comprassem tapetes manufaturados no Afeganistão, em vez de ter tantas automações em seu próprio país, quem sabe haveria mais gente ali fazendo tapetes e, em conseqüência, tendo renda para consumir. A alternativa é terrorismo, o radicalismo, a prostituição" - **Miguel Abuhab**, presidente da Datasul, em entrevista concedida à revista **Ícaro Brasil**, Revista de Bordo Varig, abril 2003, p. 28-33.

Esquivel e Cuba

"Sou contra a pena de morte em qualquer lugar do mundo. Em Cuba, também, mas não só lá. No Texas, o atual presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, mandou executar 152 pessoas. Isso é um erro em qualquer lugar, mas temos de apoiar Cuba para o país não ficar sozinho, isolado. Há uma campanha contra Cuba, isso está claro, e é um fato de profunda

relevância para a América Latina" - **Adolfo Pérez Esquivel**, argentino, Prêmio Nobel da Paz de 1980 – **Folha de S. Paulo**, 5-5-03.

Cuba: Esquivel x Saramago

"Não estou de acordo com Saramago quando diz que "até aqui cheguei". Não podemos deixar Cuba à mercê dos EUA e de atos terroristas que eles incentivam, como seqüestrar barcos, aviões e carros" - **Adolfo Pérez Esquivel**, argentino, Prêmio Nobel da Paz de 1980 – **Folha de S. Paulo**, 5-5-03.

EUA e a militarização da AL

"Cuba é um pretexto para os EUA militarizarem ainda mais a América Latina. Com o ingresso dos nossos países na Alca, os EUA controlariam o continente. Temos de evitar bases militares e promover o fortalecimento regional. O Plano Colômbia e a Tríplice Fronteira [entre Brasil, Argentina e Paraguai] são pontos em que os EUA se preparam para, sob pretextos variados, manter suas bases. Os EUA pensam que podem agredir qualquer país sem a concordância da ONU, isso é muito grave" - **Adolfo Pérez Esquivel**, argentino, Prêmio Nobel da Paz de 1980 – **Folha de S. Paulo**, 5-5-03.

MST: uma organização pequena?

"O MST não é um movimento social, no sentido sociológico, e, menos ainda, popular. É apenas uma organização, e pequena, do sistema político" - **Zander Navarro**, sociólogo, professor do programa de pós-graduação em desenvolvimento rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – **O Estado de São Paulo**, 5-5-03.

MST: uma organização política

"Somente quem desconhece o mundo rural, onde prevalecem o conservadorismo e a tradição, é que pode julgar que a radicalidade discursiva dos dirigentes do MST tenha alguma atratividade política. As famílias rurais mais pobres aderem à organização por várias razões, entre as quais o fato, pouco conhecido, de constituírem uma ampla rede de parentesco que sustenta socialmente boa parte das iniciativas do MST. Mas há outras razões, como a legitimação simbólica recebida de setores católicos, o cálculo feito pelas famílias sem-terra entre o constrangimento transgressor da maioria das ações e seu potencial benefício final e, é claro, a necessidade e a pobreza em que vivem imersas. Trata-se, portanto, de uma organização política. Quanto à autonomia em relação aos partidos, o PT particularmente, este é outro mito cuidadosamente cultivado, pois o MST é, de fato, fundador do partido em dezenas de municípios e seus militantes principais são participantes ativos da vida partidária" - **Zander Navarro,** sociólogo, professor do programa de pós-graduação em desenvolvimento rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – **O Estado de São Paulo**, 5-5-03.

FHC: reforma agrária impressionante

"Estou convicto de que os números da reforma agrária de FHC, que são impressionantes se analisados desapaixonadamente, e tornam notável o trabalho realizado pelo ex-ministro, um irrepreensível democrata, seriam, sem dúvida nenhuma, bem maiores, caso o MST não adotasse atitudes tão primárias em suas estratégias políticas, guiadas pelo leninismo pueril de seu líder principal, João Pedro Stédile" - **Zander Navarro**, sociólogo, professor do programa de pós-graduação em desenvolvimento rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – **O Estado de São Paulo**, 5-5-03.

Uma pergunta

"Deixo apenas uma pergunta ilustrativa: como encarar seriamente uma organização que prega o socialismo e a 'ruptura com o sistema econômico', mas também prega a multiplicação da propriedade familiar e a ampliação da reforma agrária, que na história dos países mais avançados apenas serviram para enraizar definitivamente o próprio capitalismo?" - **Zander Navarro**, sociólogo, professor do programa de pós-graduação em desenvolvimento rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – **O Estado de São Paulo**, 5-5-03.

MST: a nova geração de líderes

"Comparados a esta segunda geração de jovens dirigentes, os antigos líderes são quase santos" - **Zander Navarro**, sociólogo, professor do programa de pós-graduação em desenvolvimento rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – O Estado de São Paulo, 5-5-03.

Lula: O Pós- Consenso de Washington

"Acho que já existe uma nova direção que considera os pontos do Consenso de Washington como um componente específico dentro de algo mais amplo. A crítica que se faz é a de que o Consenso de Washington sozinho não é apenas insuficiente, mas contraproducente. Porque, se a parte social não muda, não se consegue nem as melhorias econômicas pretendidas pelo Consenso de Washington. Então o pós-Consenso de Washington, ou, para alguns, o novo Consenso de Washington, seria o social com a economia e a política, e não depois" – **Vinod Thomas**, indiano, diretor do Banco Mundial – Bird – no Brasil, **O Estado de São Paulo**, 4-5-03.

"O que quer dizer o pós-Consenso de Washington, na prática? Pode ser esse programa de Lula" - **Vinod Thomas**, indiano, diretor do Banco Mundial – Bird – no Brasil, **O Estado de São Paulo**, 4-5-03.

Crise Cambial está a caminho

"A interferência no câmbio não é um direito, mas uma obrigação do Estado. Se não interferir, a autoridade estará se omitindo. Todos os países do mundo interferem no câmbio. Da mesma forma que o Copom se reúne para interferir nos juros, o Banco Central também tem a obrigação de reduzir a dependência externa do país. Essa política é tão séria quanto a de combate à inflação"- **Ivoncy Ioschpe**, empresário, presidente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial – IEDI -, **Folha de S. Paulo**, 4-5-03.

"Não acho que a crise cambial venha no curto prazo, mas se o país persistir nesse erro, já vimos o filme antes. O fim será uma crise cambial. A política do Gustavo Franco levou quatro anos para sofrermos a primeira crise cambial. Depois dessa primeira crise, vivemos mais três crises seguidas" – **Ivoncy Ioschpe,** empresário, presidente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial – IEDI -, **Folha de S. Paulo**, 4-5-03.

EVENTOS IHU

IHU Idéias

UMA ECONOMIA SOLIDÁRIA É POSSÍVEL?

Na próxima quinta-feira, dia 8 de maio, Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger e Prof. Dr. Antônio David Cattani apresentarão o tema **Uma economia solidária é possível?**. A explanação estará baseada no livro **A outra economia** (Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. 312 p.), organizado pelos apresentadores do evento.
Luiz Inácio Gaiger é Pós-Doutor pela Universidade de Lovaina, Bélgica, Doutorado em Sociologia da Religião e dos Movimentos Sociais e Mestre em Sociologia da Religião, pela mesma universidade.
Antônio David Cattani é Pós-Doutor, pela École de Hautes Études en Sciences Sociales – Paris. Doutor e Mestre em Ciências Sociais pela Universite de Paris I (Pantheon-Sorbonne), U.P. I, Paris. Reproduzimos, a seguir, o comentário sobre o livro publicado no site www.ecosol.org.br

UMA OUTRA ECONOMIA

Inúmeras formas de organizar a produção material e os serviços aparecem, atualmente, como alternativas à economia capitalista. Designadas por termos tais como economia solidária, socioeconomia, novo cooperativismo, empresas autogestionárias e outros, estas formas correspondem a realizações inovadoras, associadas a novos valores e princípios que se opõem às práticas excludentes, sócio e ambientalmente predatórias.

A construção do novo, do socialmente mais avançado, remete a processos complexos que ultrapassam a mediocridade e as limitações das relações de produção capitalistas. Nestas, os termos associados são: concorrência, exploração, acumulação compulsória, exclusão. A outra economia é regida pelos princípios da solidariedade, da sustentabilidade, da inclusão, enfim, da emancipação social. Não se trata apenas de boas intenções, mas de realizações concretas, viáveis e, sobretudo, em acelerada expansão no mundo inteiro.

Esta obra constitui-se num esforço coletivo de teorizar sobre o processo em curso. Nela são conceituados, de maneira clara e rigorosa, os principais fenômenos e valores que rompem com os modelos dominantes e que dão consistência às alternativas.

São, ao todo, 41 verbetes, num verdadeiro dicionário redigido por uma equipe de sociólogos, educadores, filósofos, assistentes sociais, economistas, biólogos, historiadores, cientistas sociais e psicólogos de seis nacionalidades diferentes e de vários horizontes teóricos, políticos e sociais, todos eles comprometidos com a reflexão crítica e com a construção do conhecimento sobre as formas mais avançadas da produção social. A outra economia é, assim, uma reflexão plural multidisciplinar de autores unidos pela crença em valores civilizatórios tais

como cooperação, solidariedade, compromisso com a vida, com a natureza, com o pacifismo e com a justiça social.

Impresso em papel reciclado e lançado durante o III Fórum Social Mundial, A outra economia é introdução obrigatória para quem quiser se familiarizar com toda uma série de noções e conceitos que estão sendo construídos para dar consistência teórica e prática à idéia de que "um outro mundo é possível".

Agende-se para a programação de maio do IHU Idéias:

15/05/03 – "Esquecimento e Memória do Ser. Uma reflexão a partir da obra de Henrique de Lima Vaz" – Prof. Dr. Ernildo Jacob Stein
29/05/03 – "A educação para a paz: sentidos, tensões e dilemas" - Prof. Dr. Marcelo Resende Guimarães

Lembramos que o evento acontece nas quintas-feiras das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e suco de laranja.

Ciclo de Estudos sobre o Brasil
2ª etapa

No próximo dia **8 de maio**, quinta-feira, das 14h às 17h, na sala 1C103, acontecerá a segunda etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil. O livro a ser estudado é ***Raízes do Brasil,*** de Sérgio Buarque de Holanda. A apresentação do livro e a orientação do estudo estará a cargo da profª. Eliane Cristina D. Fleck, do PPG em História da Unisinos.
A Profª. Drª. Eliane Cristina Deckmann Fleck é doutora em História pela PUCRS com tese intitulada: *Sentir, adoecer e morrer- sensibilidade e devoção no discurso Missionário Jesuítico do século XVII.* Ela é também mestre em História pela Unisinos. No dia 22 de agosto de 2002, em virtude do centenário do nascimento do historiador Sérgio Buarque de Holanda, Eliane apresentou, no evento *IHU Idéias,* o tema *"O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda".*
Nesta segunda etapa do Ciclo de Estudos, a professora pretende aprofundar a obra e o contexto no qual ela foi escrita, além das influências do autor e os novos caminhos por ele abertos. Eliane Fleck conversou com *IHU On-Line* sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda.

IHU On-Line- Qual a especificidade de Buarque de Holanda na sua leitura do Brasil?
Eliane Fleck – Sérgio Buarque de Holanda compara Portugal e Espanha. A preocupação é com o mundo ibérico, tentando sempre mostrar como esse mundo se reflete na colonização. A herança portuguesa ou a herança espanhola e suas expressões, suas manifestações, num universo colonial. São as projeções de uma mentalidade. Quando ele analisa a cidade, as expressões de comportamento, a educação, a forma como essa sociedade se estrutura, ele busca explicações nesse universo ibérico. Podemos dizer que há uma aproximação entre Gilberto Freyre e Buarque, na preocupação em analisar o aspecto cultural: uma matriz ibérica responsável por determinadas formas de organização social, de organização da vida produtiva, de mentalidades, especialmente em relação à educação, mas eles se distanciam, quando Freyre se preocupa em positivar a mestiçagem distanciando-a do racismo, enquanto Sérgio

Buarque não tem essa preocupação. Sérgio Buarque está muito mais preocupado com as instituições, em propor uma solução. No final, ele chega a dizer que a revolução é o caminho. Ele teria uma metodologia muito mais científica, mas procurando cercá-la de uma discussão mais teorizada. Isso dito de uma maneira bem simplista.

***IHU On-Line* - Raízes do Brasil** preocupa-se com as instituições, mas faz também uma descrição concreta do brasileiro....
Eliane Fleck – Com certeza. É exatamente essa idéia que ele divulga num dos capítulos do ***Raízes do Brasil***. Seria o homem cordial. Ele não vai falar nem do homem político, nem do homem mediano ou popular. Vai falar do homem brasileiro. O homem cordial é o mediado pelos afetos, pelas paixões, que tanto podem levar à agregação quanto à desagregação, tanto à ruptura, quanto à motivação apaixonada de rompimentos, de radicalismos. Essa é a grande crítica que o Sérgio faz, dizendo que o homem brasileiro, o homem cordial, acaba sempre buscando a conservação das estruturas, de não fazer, de não promover a grande mudança, de ficar aferrado às tradições, ao conservantismo, e isso em função de interesses que estariam mais uma vez pautados pela idéia: *o jeitinho brasileiro, a conciliação, a flexibilização, a maleabilidade*, que nos caracterizariam , essencialmente. Mas a preocupação dele não é fazer uma distinção entre o homem do engenho, ou o escravo, ou o índio. Ele não está preocupado em discriminar tipos sociais, ou classes, ou grupos sociais, isso não aparece. É o homem brasileiro, é o homem cordial e as manifestações e expressões dessa cordialidade. Cordial viria de "cor" – coração, afeto. Está dando uma espécie de diagnóstico da nossa sociedade contemporânea. Por isso a expressão "homem cordial" parece muito presente em várias situações. Nós poderíamos localizá-lo tanto no período colonial quanto no período atual, contemporâneo.

IHU On-Line- Como ele aborda essa questão do público e do privado?
Eliane Fleck- Não há distinção entre o público e o privado. A influência do pensamento weberiano de fazer essa distinção também é uma de suas interferências, que depois vão alimentar estudos como o do Faoro, que também vai beber na mesma fonte, em que o Estado seria um tipo de Estado patrimonial, onde não haveria esse tipo de distinção entre o que é público e o que é privado. E ele aborda essa questão retomando-a no capítulo do homem cordial, mostrando como não está bem resolvida. Seria como a tendência do público se dissolver no privado. A hipertrofia do primeiro e a supervalorização do segundo, levando à anulação do primeiro. Isso pode ser observado na atuação dos políticos, na atuação do dia-a-dia. Seria esse o "jeitinho" brasileiro. Não imperam normas, levar vantagens, a Lei de Gerson. Essa idéia de tentar solucionar as coisas pela via do privado. O *Você sabe com quem está falando*?, que Roberto da Matta trabalha muito bem; essa coisa do Q.I. (Quem Indica), das soluções casuísticas, das soluções provisórias.

IHU On-Line- Qual seria o conceito de revolução que Buarque aponta?
Eliane Fleck- Ele não explica como seria essa revolução. Essa é a grande falha do livro. Ele diz que deveria haver uma valorização da cultura brasileira. A idéia do menosprezo em relação ao que é próprio do Brasil, isso deveria acabar. É bem no momento em que se está buscando não só a valorização do Brasil, mas a inserção da América Latina dentro de um contexto de afirmação. Vamos ter uruguaios refletindo, argentinos, venezuelanos, outros historiadores produzindo nesse mesmo período, e o Sérgio Buarque, o Gilberto Freyre, o Caio Prado, com orientações teóricas, metodológicas distintas, fazem esse mesmo percurso. Todos eles propõem saídas alternativas, uma releitura mais positiva. Mas, dentre esses, eu diria que o Caio Prado é o único a oferecer uma alternativa, ele diz qual é o caminho, enquanto o Sérgio diz que

é preciso valorizar, educar, educar as elites, as classes populares, que a educação é o caminho, a educação como um meio de encaminhamento dessa revolução. Mas ele não propõe a mudança.

IHU On-Line- O que leva a despertar tantas tentativas de autocompreensão na época?
Eliane Fleck– Aparentemente nós não tivemos outro grande momento assim tão frutífero, tão significativo. Nós vamos ter aqui um grande movimento cultural, traduzido na Semana de Arte Moderna, mas também temos um grande movimento político que tenta colocar o Brasil num compasso da História: industrialização, grandes mudanças urbanas, políticas, sociais... Estou pensando no Tenentismo, na década de 20, que vai desembocar na Revolução de 30, uma reacomodação das oligarquias, o desalojamento de algumas e a substituição por outras. Só que em paralelo a essa modernização que seria mais tradicional, pautada por parâmetros exteriores, com ajuda externa, e obviamente usando referenciais que seriam a indústria, nós temos uma tentativa de modernização, promovida pelos intelectuais, literatos, pintores, poetas, músicos, que conviviam em rodas de boêmia, que rompem com padrões estéticos, com padrões de cultura, de referência européia, ou norte-americana, buscando entender as origens do Brasil. Buscam-se então as raízes da brasilidade. Surge o movimento antropofágico. Mario de Andrade e Oswald de Andrade, no seu manifesto e nas publicações de revistas e obras, tentam mostrar justamente isso, expressado naquela frase típica *"tupi or not tupi? That's the question"*, que se tornou uma espécie de ícone, mostrando a valorização da raiz, da cultura.

PRÓXIMAS ETAPAS DO CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL:

No dia **5 de junho**, no mesmo horário e local das sessões anteriores, a professora Márcia Lopes Duarte, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, apresentará a obra ***Os Sertões*****,** de Euclides da Cunha.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO NO FÓRUM

ENTREVISTA COM PROF. DR. VALÉRIO BRITTOS

Ainda ecoando o III Fórum Social Mundial, ***IHU On-Line*** *conversou com Valério Brittos, professor do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos e coordenador executivo do Seminário* ***Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: pulsar e pensar ações****, realizado no dia 25 de janeiro, no Fórum. O Seminário contou com a presença dos professores doutores. Armand Mattelart (Universidade Paris III), César Bolaño (Universidade Federal de Sergipe – UFS), Othon Jambeiro (Universidade Federal da Bahia – UFBA), Anita Simis (Universidade Estadual de São Paulo – Unesp), Attilio Hartmann (Unisinos) e Gustavo Gindre (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ).*

O evento foi promovido pela Rede de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação (EPTIC), pela União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC), Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul e World Association for Christian Communication (WACC),

com apoio do Centro de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Instituto Humanitas Unisinos e Centro de Assessoria Multiprofissional (Camp).

Valério Brittos é doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); mestre em Comunicação, pela PUCRS; especialista em Ciência Política, pela Universidade Federal de Pelotas, com Graduação em Comunicação Social – Jornalismo e em Direito. Publicamos, a seguir, trechos da entrevista com o Prof. Valério.

IHU On-Line- Qual é a sua avaliação do seminário?
Valério Brittos- A participação, tanto em número quanto em diversidade, superou nossas expectativas. Havia em torno de 80 pessoas de países muito diversos, professores e estudantes de comunicação e pessoas ligadas a ONGs e movimentos eclesiais. A idéia mais destacada no evento foi a construção de meios alternativos, antecedida pela reflexão de que a hegemonia dos grandes conglomerados midiáticos se constitui numa grande barreira ao acesso à relação com o público. Isso implica numa visão madura, que revisa e critica o conhecimento comunicacional produzido historicamente, mas que não cai na armadilha ingênua de determinadas correntes, que desconsideram o enorme poder dos conglomerados comunicacionais, com suas conseqüências.

IHU On-Line- Como devem ser esses meios alternativos?
Valério Brittos- Essa discussão passa por construir um modelo alternativo e não só produtos, ou seja, os produtos devem ser inovadores, com idéias de mudança, mas, ao mesmo tempo, devem ser reconhecidos cultural e esteticamente pelo grande público. Muitas vezes, se constroem produtos, mas não padrões novos. Essa meta só pode ser atingida se, em primeiro lugar, se reconhecer a força e o peso dos grandes conglomerados, até para conhecer suas estratégias de sucesso com o público. Junto com isso é importante criar esses modelos alternativos.

IHU On-Line- Qual é o próximo passo a dar como continuidade do seminário?
Valério Brittos- Este é o segundo seminário organizado pela Eptic neste evento. Durante o II FSM, realizamos um seminário sobre Comunicação e espaço público. A partir desse seminário, surgiu um livro que eu organizei, chamado ***Comunicação, informação e espaço público:*** *exclusão no mundo globalizado.* [Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2002, 203 p. Biblioteca Eptic.]. Atualmente, estamos organizando um livro com as discussões feitas neste último seminário, que pretendemos lançar no segundo semestre de 2003.

IHU On-Line- Como surgiu a Eptic?
Valério Brittos - A Rede de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação surgiu em 1999, como iniciativa de César Bolaño, professor na Universidade de Sergipe, a partir de uma necessidade que diversos pesquisadores em comunicação sentiram de avançar na discussão da Economia Política da Comunicação, numa relação institucionalizada e dialogal, com espaços e oportunidades de intercâmbio e debate acadêmico. Esses debates começaram na Intercom [Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação] e prosseguiram na Alaic [Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação]. Entre outras atividades temos uma revista acadêmica, a Eptic On-Line, da qual sou editor. O periódico é quadrimestral e aborda assuntos em torno da Economia Política da Comunicação. Pode ser acessada no sítio www.eptic.com.br.

IHU On-Line - O que é a Economia Política da Comunicação?

Valério Brittos- A Economia Política da Comunicação está situada no campo da Comunicação, analisando os fenômenos midiáticos ante um viés crítico. Estuda a relação de poder, a partir das relações assimétricas entre produtores de mídia, consumidores dessa cultura e Estado. É uma área que internacionalmente está sedimentada e historicamente tem dialogado com outras abordagens da Comunicação, incluindo os estudos mais centrados no produto e sua produção de sentido e aqueles voltados para o papel do receptor no processo comunicacional. Ainda em 2002, foi criada a União Latina de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura (ULEPICC), com sede em Sevilha. Trata-se de um projeto com propósitos interativos não só com a Academia, mas que pretende contribuir com organizações ligadas ao movimento social. No Brasil, estamos abertos para o diálogo sério, profícuo, respeitoso e que pretenda efetivamente o desenvolvimento analítico do Campo da Comunicação.

IHU REPÓRTER

IHU Repórter traça o perfil de:

Alexandre Kieling

Jornalista, com 20 anos de profissão, mestrando em Comunicação na Unisinos e natural de Santa Maria, Alexandre Kieling é diretor do Complexo de Teledifusão e Tecnologia Educacional. O mais velho de quatro irmãos guarda, entre suas lembranças de infância, diversas cenas familiares que lhe ensinaram o compromisso com a vida, sem grandes dificuldades de se adaptar aos desafios que ela lhe apresenta.

Jornalista- Aos sete anos, conheci um gravador e saí entrevistando todo o mundo. No segundo grau, eu fazia o jornal do colégio, e depois os panfletos e o jornal do Movimento Estudantil. Na época, carregava uma máquina de escrever e álcool para reproduzir em mimeógrafo. Essas eram minhas armas nos Congressos de Estudantes.

Caminhada- Formei-me na UFSM e vim para Porto Alegre. Em 1985, trabalhei como editor na RBS TV e, ao mesmo tempo, como repórter das rádios Pampa, Gaúcha e da TVE. Também trabalhei nas afiliadas da Globo da região Centro-Oeste. Em 93, ingressei na Unisinos para lecionar e, em 99, fui convidado para levar adiante uma antiga idéia que havia aqui na Universidade: ter uma tevê própria.

Autor- Alexis de Tocqueville

Livro- *Democracia na América,* de Alexis de Tocqueville

Filme- *Estado de sítio,* de Constantin Costa-Gavras, sobre a derrubada de Allende.

Nas horas livres- Jogo bola com meus filhos, cozinho, assisto a um bom filme, leio... Gosto de esportes em geral. Nas férias, "devoro" livros de literatura.

Um presente- Livros e discos (Bossa Nova, Jazz, MPB, rock, música erudita).

Família- Tenho um filho, Bruno, de 17 anos que mora em Santa Maria. Em 1987, conheci Helena Martinho, ela era repórter da rádio Pampa, e eu da RBS, na cobertura da passeata dos professores na greve durante o governo Simon. Em dezembro de 1987, casamos. Eu sempre quis adotar crianças. Depois de tentar processos de fertilização assistida, que não deram certo, resolvemos adotar. Na época, estávamos morando em Cuiabá, porque eu trabalhava para a região Centro-Oeste da Globo. Estava no Pantanal, numa reportagem, quando Helena me ligou e me disse: "Vem para casa que teu filho chegou". O Lucas era do tamanho de um ratinho. Corria risco de vida. Agora tem 7 anos. Depois dele, vieram a Maria Estela (4) e o Iago (5).

Adoção- Helena foi envolvendo-se com ONGs e acabamos criando os Amigos de Lucas, uma ONG que trabalha a conscientização da adoção não só de iguais. Os casais buscam reproduzir, com a adoção, a maternidade biológica. Nós promovemos a maternidade tardia, inter-racial, de portadores de doenças e necessidades especiais. Lucas é negro. Muitos dos que participam dos *Amigos de Lucas* têm filhos adotivos de outra raça, portadores de doenças, etc. Os pais e os filhos estão felizes. Ser pai e mãe não é uma noção apenas de ordem biológica, é um estado de espírito, uma postura que se tem diante da vida. Quando você estabelece um laço afetivo com uma criança, esse laço transcende as condições em que ela foi gerada.

Momentos felizes- Um momento mágico com todos os meus filhos, foi quando cada um deles, de forma e circunstância original, me chamou de pai.

Unisinos- Uma oportunidade de contribuir para a realização de um grande sonho: promover uma transformação social por meio da educação. Vejo isso como um sonho de todos aqui dentro e é, também, um sonho pessoal. Gostaria de que a Comunicação Social retomasse sua prática de promover essa transformação através de seus veículos.

IHU- Papel importante nesse esforço crítico-reflexivo. Um diferencial importante.

TEOLOGIA PÚBLICA

FAZER TEOLOGIA NO SÉCULO XXI

*Publicamos a entrevista feita ao teólogo suíço Hans Küng, veiculada no jornal **El País**, em 23 de março de 2003. O título original da entrevista é "Roma expulsa sobre todo a la mujer joven". Hans Küng, que vive na Alemanha, completou, no último dia 20 de março, 75 anos de vida. É autor de vários livros, entre outros, e* KÜNG, Hans. ***Projeto de ética mundial***, *São Paulo: Paulinas, 1993;* KÜNG, Hans. ***Uma ética global para a política e a economia mundiais***, *Petrópolis: Vozes, 1999; e* KÜNG, Hans. ***A Igreja Católica***, *Rio de Janeiro: Objetiva, 2002; A tradução da entrevista é dos nossos colegas do Cepat, de Curitiba, aos quais enviamos nossos sinceros agradecimentos.*

El País: Há mais de quarenta anos o senhor participou, convidado diretamente por João XXIII, do Concílio Vaticano II. Como recorda aquele papa?
Hans Küng: João XXIII é o Papa mais importante do século XX; nenhum outro. Não só para mim, mas para a maioria da Igreja. Por quê? Ele introduziu simultaneamente duas mudanças de paradigma que a Igreja Católica tinha pendentes: o paradigma da Reforma protestante com

a revalorização da Bíblia, o culto na língua do povo, a revalorização do papel dos leigos e a prática do ecumenismo. E, além disso, introduziu o paradigma da Ilustração e da Modernidade: liberdade de religião e de consciência, direitos humanos, giro histórico para o judaísmo, o Islã e outras religiões, tomando-se a sério o mundo secular moderno. João XXIII leu em seguida meu livro *O Concílio e a unidade dos cristãos*, o único do momento, no qual se apresentava uma concepção global do Concílio teologicamente bem fundada. Sempre será um orgulho para mim o fato de que ele me tenha nomeado assessor oficial do Concílio, sendo eu o teólogo mais jovem.

El País: O leitor percebe no sr. um entusiasmo teológico especial. Agora, ao completar 75 anos, mantém a mesma paixão para falar de Deus, da Igreja, de Jesus?
Hans Küng: Eu poderia ter escolhido outra profissão: arquiteto, professor de história, político ou, como pensam alguns, diretor de um importante grupo empresarial. Mas estou contente por ter escolhido a teologia, que pratiquei com disciplina e paixão (é algo que comparo freqüentemente com o flamenco). Deus e Jesus Cristo continuaram a ser, naturalmente, o centro da minha teologia. Mas no transcurso dos anos fui ampliando seu horizonte cada vez mais em questões relativas às religiões do mundo, a paz mundial, a literatura e a ética mundial.

El País: No livro *A Igreja Católica* [Ed. Objetiva], pergunta-se pela Igreja do futuro. As respostas induzem a pensar que o sr. continua sendo um sacerdote cheio de esperança. Que Igreja realmente tem futuro?
Hans Küng: Só uma Igreja radicada originalmente em Jesus e orientada para as tarefas do presente; só uma Igreja de iguais que une ministério e carisma e que incorpora a mulher em todos os ministérios eclesiásticos. Só uma Igreja não confessional, mas ecumenicamente aberta, que reconheça de uma vez por todas os ministérios das demais Igrejas, que invalide todas as excomunhões e que autorize o mais cedo possível uma comunidade na comunhão. Uma Igreja não eurocêntrica, que não esgrima nenhuma pretensão cristã excluidora, nem reivindique o imperialismo romano, mas uma Igreja tolerante e universal.

El País: O sr. intitula suas memórias algo assim como Liberdade brigada [livro que será publicado na Espanha pela Ed. Trotta, ainda sem título]. De alguma maneira, Roma venceu: o empenho inquisitorial em fazer calar a sua voz e que acabou por ampliar a sua ressonância. Por que o Vaticano se empenha em domesticar os teólogos?
Hans Küng: Uma teologia sem liberdade de pensamento é, no melhor dos casos, uma teologia cortesã, neo-escolástica, que se limita a transmitir o que de cima se considera oportuno e que, portanto, resulta estéril. Os grandes teólogos, desde Orígenes e Agostinho, passando por Tomás de Aquino, os reformadores até Schleiermacher e Karl Barth, Yves Congar e Karl Rahner, sempre praticaram uma liberdade de pensamento. Na Espanha, a Associação de Teólogos João XXIII é quem manteve em alta a bandeira da liberdade, inclusive durante décadas de reação curial.

El País: Foi em 1979 quando publicou o artigo "Um ano de pontificado de João Paulo II". O sr. imaginou que ia lhe custar tantas represálias?
Hans Küng: Quem voltar a lê-lo verá que o que ali se dizia é muito moderado. Infelizmente, todas as minhas críticas se confirmaram. O positivo é que o Papa assumiu ultimamente muitas das minhas preocupações em torno da paz entre as religiões como condição da paz entre as nações, e se manifestou positivamente sobre a idéia da ética mundial. Mas este Papa tem duas caras: para fora defende a liberdade, os direitos humanos, a justiça, o diálogo e a paz, enquanto que para dentro revela o rosto obscuro da inquisição, da perseguição dos teólogos

críticos, da discriminação das mulheres, do bloqueio da *Ecumene* e do rechaço da comunidade na comunhão.

El País: É verdade que a Igreja Católica alemã está buscando se reconciliar com o sr.?
Hans Küng: O Conselho Diocesano da diocese de Rottenburg-Stuttgart, na qual moro, exigiu, mediante unanimidade de voto, que o bispo busque caminhos de reconciliação. Isso seria possível de duas maneiras. Que se esclarecessem as questões colocadas por mim, especialmente as que dizem respeito aos dois dogmas papais (o primado e a infalibilidade), um terreno no qual até hoje fui contestado ou ignorado, ou com decretos ou com condenações. Nos últimos 25 anos, publiquei numerosos trabalhos que aprofundam a análise e que exigem uma resposta da administração romana. O segundo caminho seria a pragmática: que Roma colocasse entre parênteses as diferenças e me reconhecesse como teólogo católico (apesar de todas as diferenças), uma condição que a comunidade eclesial, apesar de todas as represálias, sempre me reconheceu.

El País: Permita que lhe recorde a anedota do cardeal a quem o sr. propôs celebrar a missa sentados os dois na mesa da austera sala-de-estar de sua casa. O cardeal, confuso, perguntou: "Assim tão austeramente, simplesmente assim?" Sua resposta foi: "Assim tão simplesmente? Por acaso Jesus teve mais?" Como é possível que a hierarquia eclesiástica tenha perdido tanto a perspectiva das origens do fundador?
Hans Küng: À diferença de muitos leigos e sacerdotes de base, a hierarquia vive no paradigma medieval. Somente considera como era a Igreja nas suas origens e como poderia voltar a sê-lo. É de agradecer que, pelo menos na liturgia, o Vaticano II permitiu uma grande simplificação. Em Roma, deveriam perguntar menos pelas exigências do direito eclesiástico medieval e mais pelo que Jesus, ao qual continuamente estão se referindo, quis.

El País: Seu último livro fala da mulher e do cristianismo([3]). A responsabilidade do catolicismo na marginalização que a mulher sofre é imponente. Está-se fazendo algo para emendar esse erro?
Hans Küng: Neste pontificado, fez-se de tudo para expulsar da Igreja de modo especial a geração de mulheres jovens. Desde a obscura encíclica *Humanae vitae* contra os métodos contraceptivos, passando pela postura inflexível sobre questões tais como o divórcio ou o aborto, até a sua exclusão do ministério eclesiástico, a Igreja sempre manteve uma postura contra a mulher. Até o extremo de que a Congregação Romana da Fé pretendeu o direito a apresentar como "doutrina infalível" de que era vontade de Deus a exclusão da mulher do sacerdócio. Tudo isso é teatro, ademais de teatro do absurdo, que manifesta a necessidade absoluta de um debate em torno do dogma da infalibilidade. O que a maioria das igrejas já tem – mulheres ordenadas e inclusive mulheres bispas – a Igreja Católica terá que assumir, ela que tanto gosta de chegar séculos atrasada.

El País: Adorno disse que depois de Auschwitz já não seria possível a poesia, e agora estamos metidos numa terrível guerra, que abalou a ética. Existe alguma esperança para uma ética mundial?
Hans Küng: A controvérsia sobre essa guerra obscura manifestou, ao menos, que em todos os países, também na Espanha, a grande maioria do povo está convencida de que se trata de uma guerra injusta e imoral. Está em jogo a ética que exige como mandamento básico "Não matarás". Lamento muitíssimo que o Governo espanhol não esteja do lado de seu povo, mas do

[3] ***Referência ao livro*** **A Igreja Católica.**

lado do instigador da guerra, George Bush, que, sobre a falsidade de estar ameaçado diretamente por Saddam Hussein, construiu todo um edifício de mentiras de dimensões quase orwellianas para justificá-la.

El País: Erasmo ironizava a moral dos "teologuchos" que sustentavam que era "pecado menos grave matar milhares de homens do que costurar um sapato de um pobre no domingo". O Papa está contra essa guerra, mas muitos governantes cristãos, inclusive católicos, insistem em defendê-la depois de rezar e comungar.
Hans Küng: Nessa questão, estou 100% com o Papa. É uma vergonha ver como o presidente Bush instrumentaliza o nome de Deus para dar uma justificativa religiosa à sua política de poder sem limites.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Comprovando o atendimento

Na última segunda-feira, dia 28 de abril, foi realizada uma reunião sobre os programas e projetos de ação comunitária e de desenvolvimento social diretamente ligados ao IHU. Além da coordenação do IHU, participaram os coordenadores dos programas e projetos: prof. Derli Schmidt, coordenador do projeto Incubadoras de Cooperativas, prof. Vergílio Perius, coordenador do Programa A União Faz a Vida, prof. Alcido Arnhold, coordenador do Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo, prof. José Luiz Bica de Mélo, coordenador do Programa de Estudos sobre Desenvolvimento e Autonomia no Vale do Rio dos Sinos (Pedra), Débora Baiarde, representando o prof. Dárnis Corbellini, coordenador do Programa Unitrabalho, profª. Vera Lúcia Bemvenuti, coordenadora de Ação Comunitária da Unisinos, e sua secretária, Anelise Nunes Xavier. O objetivo do encontro foi elaborar uma forma de cadastro para cada atendimento prestado por esses programas e projetos a pessoas interessadas.

Física Quântica

A coordenação do IHU se reuniu, no dia 28 de abril, com o Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio, professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos para discutir a possibilidade de promovermos a discussão e o debate sobre física quântica para pessoas não especializadas no tema.

DNA: 50 anos

A coordenação do IHU se reuniu, no dia 28 de abril, com a Profa. Dra. Jaqueline Sama Rodrigues, professora de biologia molecular no Centro de Ciências da Saúde da Unisinos, para formalizar a sua participação num próximo ***IHU Idéias*** sobre o genoma humano.

Curfopal 1

Representando a coordenação do IHU, a Profª. Vera Regina Schmitz e o Prof. Dárnis Corbellini receberam 15 jesuítas da América Latina e Espanha no último dia 30 de abril, aqui no IHU. Os jesuítas estão participando do Curso de Formação de Padres da América Latina (Curfopal), no Centro de Espiritualidade Cristo Rei (Cecrei). Eles vêm de vários países da América Latina, como Paraguai, Uruguai, México, Peru e Brasil. Também estão presentes três jesuítas da Espanha. A visita ao Instituto Humanitas Unisinos fez parte de um roteiro pela Universidade, conduzido por Margarete Stürmer, da coordenação de Relações Públicas da Unisinos. Além do

IHU, o grupo conheceu a Biblioteca da Universidade, o Complexo Desportivo e de Lazer e o Complexo de Teledifusão e Tecnologia Educacional. Os jesuítas ficam em São Leopoldo até o dia 14 de junho.

Curfopal 2

No dia 28 de abril, Inácio Neutzling, coordenador do IHU proferiu uma palestra para os participantes do Curso de Formação de Padres da América Latina – Curfopal, no Centro de Espiritualidade Cristo Rei em São Leopoldo. O tema foi: Fórum Social Mundial. O Movimento dos Movimentos. Desafios e perspectivas.

Encontro de Educadores Lassalistas

No dia 1 de maio, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, proferiu uma conferência no Encontro Provincial dos Educadores Lassalistas, em São Paulo. O Encontro reuniu 220 professores e professoras dos estados do Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro. O tema da conferência foi: Análise da realidade brasileira a partir da ótica dos excluídos.

Escola de Formação Política

Nos dias 2 a 4 de maio, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, ministrou, em Curitiba, a primeira etapa da Escola de Formação Política do Paraná. Com a presença de 48 líderes políticos e de movimentos sociais e pastorais, o tema desta primeira etapa foi: O Brasil que temos. A história da modernização brasileira. Esta é a 8ª Escola de Formação Política que se realiza em seis etapas, durante um ano, sendo cada etapa de três dias de trabalho. A Escola é uma iniciativa do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT – em parceria com a CNBB- Regional Sul 2.

INTERATIVO

Sala de Leitura

"Dividindo o tempo com outras leituras de entretenimento, estou atualmente muito interessado na obra MACCALÓZ, Salete. *O Poder Judiciário, Comunicação e Opinião Pública*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2002, 352 páginas. Tese de Doutorado de Salete, Juíza Federal e Professora da Faculdade de Direito da UERJ, a obra traz importante conteúdo que permite uma melhor compreensão da atuação do Judiciário no Brasil. Focalizando a relação desse Poder com a sociedade a partir de notícias e matérias veiculadas nos meios de comunicação, a pesquisa da autora revela que a mídia finalmente "descobriu" o Judiciário. Surge daí a imagem da Justiça sob a perspectiva do cidadão, do juiz e demais operadores do Direito. No interregno da leitura inacabada, já está evidente que comunicar direito o Direito constitui movimento necessário para a realização da Justiça".

Prof. Carlos Alberto de Oliveira Cruz, Mestre em Direito pela PUCRS e diretor de assuntos comunitários, Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão da Unisinos

"Estou lendo EDER, Klaus. *A Nova política de classes*. Tradução de Ana Maria Sallum. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002, 362 páginas. O livro aproxima a teoria de movimento social de Alain Touraine com a teoria de capital cultural de Pierre Bourdieu, procurando recuperar para a sociologia o conceito de classe social. Esse conceito, para o autor, está vinculado ao lugar cultural de cada segmento da sociedade. Ele representa uma abordagem nova para o tema da sociologia universal. Vale lembrar que o autor é doutor em Sociologia pela Universität Konstanz, da Alemanha, e professor de Sociologia na Universidade de Humbolt, em Berlim".

Prof. MS Solon Eduardo Annes Viola, mestre em História pela UNISINOS, doutorando em Ciências Sociais Aplicadas na UNISINOS, articulador do grupo temático Direitos Humanos da Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania, do IHU, professor do Centro de Ciências Humanas e coordenador adjunto do curso de Pedagogia da Unisinos

"O livro que atualmente está em minha cabeceira é CLELAND, David I.; IRELAND, Lewis R. *Gerência de projetos*. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2002. 324 páginas. A obra mostra como conceituar, definir, planejar, desenvolver, implementar e controlar projetos. Ela abrange a disciplina gerência de projetos em todo o seu alcance, incluindo tópicos como fatores que contribuem para o sucesso e o insucesso dos projetos, ética, filosofia e processos; desenhos organizacionais para projetos e aplicações nas mudanças organizacionais; o contexto estratégico e como eles se encaixam na visão geral das empresas; a liderança de projetos e os mecanismos de desenvolvimento de competências necessárias para os líderes; a motivação de equipes e a administração de políticas relativas a *stakeholders*. Enfim, este livro é a ferramenta pessoal perfeita para todos os estágios e problemas encontrados em projetos: cobre desde os aspectos relativos à comunicação até a finalização do projeto. Ele tem me servido muito como ferramenta de trabalho. Hoje em dia, a gerência de projetos é fundamental. Até a Guerra no Iraque exigiu projetos de logística muito afinados".

Roberto Haleva, diretor de administração do Campus da Unisinos

Cartas do Leitor

Prezado responsável, tendo tomado conhecimento desta importante publicação, venho prestar meus sinceros elogios pela iniciativa e pela qualidade de seus periódicos.
Aproveito também, para solicitar o recebimento nesta conta de e-mail, das futuras edições desta publicação.

Esclareço por fim, que sou professora da Disciplina de Direitos Humanos na UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí, SC) e poderei, portanto, divulgar suas notícias nesse meio.

Sem mais, certa do pronto atendimento, registro meus sinceros votos de sucesso ainda maior.

Profª. Maria de Lourdes Zanatta.

Meu Clássico

O clássico da professora Vera Regina Röhnelt Ramires é Sigmund Freud. Vera Ramires é doutora em Psicologia pela PUCSP, coordenadora dos Cursos de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica e Especialização em Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes da Unisinos e coordenadora do Programa Interdisciplinar de Promoção e Atenção à Saúde - Pipas.

"Embora Freud seja bastante conhecido e, para muitos, controvertido e polêmico, e, algumas vezes, banalizado, sua importância transcende os limites do campo da psicologia. Suas contribuições se refletem sobre todas as áreas do conhecimento humano e ainda sobre a arte, a literatura, etc.

SIGMUND FREUD

Freud nasceu em 1856, em Freiberg, Morávia (Tchecoeslováquia), e, aos 4 anos, mudou-se com a família para Viena. Deixou essa cidade somente no final de sua vida, devido à perseguição nazista, migrando para Londres onde morreu em 1939. Aos 25 anos, concluiu, com brilhantismo, o curso de Medicina na Universidade de Viena, e, embora tenha enfrentado uma forte corrente anti-semita (Freud era judeu) obteve várias distinções. Em muitos depoimentos, Freud admitiu que a sua condição de judeu forjou, no seu caráter, a coragem própria de uma minoria perseguida, o que contribuiria para o enfrentamento das resistências e críticas com as quais se depararia ao formular a teoria psicanalítica.

OBRAS

Com uma produção impressionante que inclui mais de 300 títulos, entre livros e artigos, Freud foi não apenas um dos teóricos mais importantes do século XX, mas também um excelente escritor. Num estilo que combina clareza e densidade, complexidade e elegância, sua escrita possibilita antever o caminho percorrido na construção de suas idéias e conceitos, e convida o leitor a revisitá-lo muitas vezes, usufruindo uma riqueza que não se esgota nunca numa única leitura.

As reflexões de Freud sobre o sujeito – o sujeito do inconsciente, sobre o desejo humano, na medida em que o desejo e a pulsão eram sempre reenviados ao outro possibilitaram o descentramento desse sujeito do campo do eu e da consciência, e uma ênfase conferida ao outro e à alteridade.

Nesse sentido, considero particularmente relevantes textos como *O futuro de uma ilusão*, escrito em 1927, e *O mal-estar na cultura*, escrito em 1929, que tratam, em última instância, sobre o desamparo do homem e as conseqüências desse desamparo. O enfrentamento da realidade de nossa finitude, a vacuidade dos propósitos de negar a transitoriedade de nossa existência por meio de manobras para conquistar e manter estados de poder absoluto, de onipotência e de domínios ilusórios são temas discutidos por Freud e que conservam uma atualidade plena.

SIGMUND FREUD E VERA RAMIRES

As contribuições de Freud tiveram e têm uma importância fundamental na minha formação como psicóloga e como pessoa. Como teoria, como método que possibilita a autodescoberta e o autoconhecimento, a Psicanálise continua exercendo enorme influência no campo "Psi". Entretanto, ser freudiano hoje implica ir além de Freud e repensar alguns de seus fundamentos. Freud escreveu em 1900, no Prefácio à segunda edição da *Interpretação dos Sonhos*, que sempre procurou modificar suas afirmativas de modo que pudessem estar em harmonia com o seu conhecimento crescente. Ao longo da sua produção teórica, reformulou conceitos, avançou em muitos sentidos e reconheceu os limites da Psicanálise na compreensão da complexidade da experiência humana. Nesse sentido, Freud continua sendo uma inspiração para mim, não somente pelo legado de sua obra, mas também pelo exemplo da sua genialidade e admirável humildade".

EXPEDIENTE:
IHU On-Line *é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail nas segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª Ms. Vera Regina Schmitz. Redação*: *Inácio Neutzling, Sonia Montaño e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: Ihuinfo@poa.unisinos.br*

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS